

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO  
JULIANA VILLACORTA REYNALDO MAIA**

**ESTUDO SOBRE AS NOVAS FORMAS DE USO DOS PRINCIPAIS  
AMBIENTES RESIDÊNCIAIS: UMA CONTRIBUIÇÃO AO PROJETO DE  
DESIGN DE INTERIORES.**

**Caruaru, Novembro de 2011**

**JULIANA VILLACORTA REYNALDO MAIA**

**ESTUDO SOBRE AS NOVAS FORMAS DE USO DOS PRINCIPAIS  
AMBIENTES RESIDÊNCIAIS: UMA CONTRIBUIÇÃO AO PROJETO DE  
DESIGN DE INTERIORES.**

Monografia apresentada ao curso de Graduação em Design da Universidade Federal de Pernambuco, no Centro Acadêmico do Agreste, como requisito parcial à obtenção do título de Bacharel em Design.

Orientador:

**Professor Lourival Lopes Costa Filho, MSc.**

**Caruaru, Novembro de 2011**

**JULIANA VILLACORTA REYNALDO MAIA**

**ESTUDO SOBRE AS NOVAS FORMAS DE USO DOS PRINCIPAIS  
AMBIENTES RESIDÊNCIAIS: UMA CONTRIBUIÇÃO AO PROJETO DE  
DESIGN DE INTERIORES.**

Monografia apresentada ao curso de Graduação em Design da Universidade Federal de Pernambuco, no Centro Acadêmico do Agreste, como requisito parcial à obtenção do título de Bacharel em Design.

Aprovada em \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2011.

BANCA EXAMINADORA

---

Professor Lourival Lopes Costa Filho, MSc.  
Universidade Federal de Pernambuco  
(Orientador)

---

Professor Bruno Xavier da Silva Barros, MSc.  
Universidade Federal de Pernambuco  
(Avaliador interno)

---

Professor Emilio Augusto Gomes de Oliveira, MSc.  
Universidade Federal de Pernambuco  
(Avaliadora interno)

## Dedicatória

---

Ao meu pai amado, Augusto Reynaldo.  
Só você sabe as dores e as alegrias  
que passamos para chegarmos até aqui.  
Este trabalho é totalmente seu!

## Agradecimentos

---

Ao longo destes últimos meses que antecederam a conclusão deste trabalho, ninguém mais do que o meu professor orientador, meu querido Lourival Costa, teve tanta paciência e preocupação com o meu desempenho. Agradeço a confiança em mim depositada por ele, e por sua palavra certa no momento certo, que muito me fizeram refletir.

Agradeço também aos queridos professores que durante a minha graduação “cruzaram” o meu caminho. Agradeço especialmente aos professores Ken Ono Fonseca e o Professor Ronaldo Corrêa, que tive a honra de conhecer durante a mobilidade acadêmica na Universidade Federal do Paraná, além do queridíssimo Professor Ivens Fontoura, que não foi apenas um mestre foi um pai curitibano que Deus me deu.

À minha família serei eternamente grata: aos meus avós por sua sabedoria sempre transmitida aos netos com muito carinho; aos meus tios e tias dedicados, atenciosos e sempre dispostos a ceder suas casas nos momentos em que solicitei; aos meus primos-irmãos sempre presentes e prestativos; e especialmente aos meus pais mais amados do mundo, Augusto e Tereza, por todos os esforços e sacrifícios realizados em prol da minha formação como profissional e acima de tudo como pessoa.

Não posso deixar de mencionar os amigos, mais que especiais, que nunca hesitaram ao meu chamado, às minhas dúvidas, às minhas angústias, e que compreenderam meu momento de recolhimento e dedicação à este trabalho, em especial Kamila Moura e Renata Pessoa (minhas irmãs da vida), além do amado amigo Ivandro Galdino. Não podendo esquecer os que estão longe, mas que nunca saíram dos meus pensamentos. Amigos, muito obrigado a todos que de alguma forma participaram da minha formação.

Fernando, muito obrigado por fazer parte da minha vida neste momento, e por também compreender as minhas angustias, e meus momentos de chatice, obrigada por tentar me entender e por ouvir as minhas conversas sem fim sobre este trabalho. Te amo.

**Novembro de 2011**

“O mundo vai girando  
Cada vez mais veloz  
A gente espera do mundo  
E o mundo espera de nós  
Um pouco mais de paciência...”

Lenine

## Resumo

---

Tendo em vista as mudanças das formas de uso dos ambientes residenciais, os projetistas que trabalham com a interface dos ambientes e dos mobiliários que os compõem, precisam visualizar como o seu projeto poderá aperfeiçoar essas formas de uso, nesse sentido a pesquisa tem por objetivo uma identificação de quais atividades têm sido desempenhadas nos cômodos das habitações brasileiras. Através de um resgate das transformações sociais, e dos espaços de morar, nas últimas décadas, este trabalho fundamenta a necessidade do levantamento de informações acerca do uso dos principais ambientes residenciais – sala, quarto e cozinha -, e o realiza por meio de uma pesquisa exploratória empírica, que utiliza-se de questionários, como principal ferramenta de levantamento de dados. Os resultados desta pesquisa apontam para atividades de constante mudança, mas que apresentam elementos de destaque em virtude da frequência de ocorrências em que estas se apresentam, como por exemplo, o uso cada vez mais acentuado do quarto para o exercício de atividades múltiplas, não apenas a do repouso noturno como costuma-se pensar.

Palavras-chave: Uso dos ambientes, Ambientes Residenciais, Design de interiores.

## Abstract

---

Given the changing forms of the domestic environment use, the designers who work with the interface of environment and of the furniture that composes it, need to see how your project will improve its forms of use. In this sense, this research has the purpose of identifying which activities have been performed in the rooms of Brazilian homes. Through redemption of social changes, and of living spaces in recent decades, this project establishes the need of collection of information about the use of the main residential areas - living room, bedroom and kitchen -, and performs it through an exploratory empirical search, which makes use of questionnaires as the main tool for data collection. The results of this search, point out to ever-changing activities, which share key elements for its occurrence frequency. For example, the increasing use of the bedroom for multiple activities, and not only to rest at night as people usually think.

Keywords: Use of environments, domestic environment, interior design.



# Sumário

---

## Introdução

## Parte 1 | Considerações Teóricas

<b>Cap. I – A casa no panorama nacional</b>	<b>05</b>
1.1 Setores habitacionais	05
1.1.1 Setor Social; Sala	06
1.1.2 Setor Intimo; Quarto e Banheiro	08
1.1.3 Setor de Serviço	12
<b>Cap. II – Transformações do comportamento na sociedade e dos espaços de morar</b>	<b>18</b>
2.1 Comportamento Social	18
2.1.1 Novas configurações dos grupos domésticos	19
2.1.1.1 Quadros Demográficos	20
Aspectos Demográficos	20
Domicílios [Urbanização]	21
2.1.1.2 Novos arranjos familiares e o papel da mulher	21
Família Monoparental	23
Famílias Unipessoais – Pessoas morando sozinhas	24
Formas de União	25
Coabitação sem vínculo	25
A nova família nuclear	25
O papel da mulher	27
2.2 Novas tecnologias e novos hábitos domésticos	28
2.2.1 A internet e o <i>home office</i>	29
2.2.2 Consumo da mídia e individualismo	31
2.2.3 O processo de acúmulo de eletrodomésticos na habitação urbana brasileira	32
2.3 Os espaços de morar	33
2.3.1 O mercado imobiliário e a compactação dos espaços construídos	34

2.4 Espaços menores, homens maiores	35
2.4.1 As “novas” dimensões do homem brasileiro	36
2.4.2 Novos contextos para novas medidas	37
<b>Parte 2   Considerações Metodológicas</b>	
<b>Cap.III – Planejamento da pesquisa</b>	<b>40</b>
3.1 Delimitações e Pressupostos da Pesquisa	40
3.2 Procedimentos da Pesquisa	41
3.2.1 Definição do tipo de pesquisa	41
3.2.2 A Elaboração dos questionários e a fase de pré-testes	42
3.2.3 Plano de amostragem e procedimento de coleta de dados	44
3.2.4 Processamento dos dados obtidos	44
3.3 Análise dos dados	45
3.3.1 Dados dos Usuários	45
3.3.2 Questões exploratórias sobre a casa dos usuários	47
3.3.3 Questões exploratórias sobre as atividades desempenhadas nos ambientes domésticos.	49
3.3.4 Questões exploratórias sobre os ambientes enfocados nesta pesquisa	52
<b>Cap. IV – Discussão dos Resultados e Recomendações Projetuais</b>	<b>56</b>
4.1 Principais resultados dos questionários	56
4.2 Recomendações Projetuais	59
<b>Conclusão</b>	<b>61</b>
<b>Referências</b>	<b>63</b>
<b>Apêndice 1</b>	<b>66</b>

## Introdução

---

As novas tendências comportamentais e a transformação da sociedade interferem no espaço interno da habitação que, muitas vezes, é descrito na literatura como um espelho dessas mudanças, das quais seria um reflexo. Nessa perspectiva, a compactação dos espaços habitacionais, a dinâmica e contínua alteração dos arranjos familiares, a oferta de novas tecnologias e a grande disponibilidade na oferta de móveis e equipamentos para o uso doméstico, são indicativos de que a forma de uso dos espaços internos da habitação também está passando por transformações. Tal premissa é reforçada por Veríssimo e Bittar (1999) quando afirmam que a produção do espaço arquitetônico de morar é interpretada como resultado de um processo criativo, conduzido pelas necessidades sociais e culturais.

Nesse contexto de mudanças, percebe-se que, por exemplo, já é difícil afirmar que um quarto é apenas um ambiente para o descanso e sono noturno, ou que a cozinha deva se manter isolada e “escondida” aos olhos dos visitantes, ou ainda que a mesa da sala de jantar seja usada estritamente para servir refeições. Essas são apenas algumas formas de uso dos espaços internos da habitação que se pretende levantar nesta pesquisa, a fim de contribuir para o desenvolvimento da metodologia de projeto para os interiores dos espaços residenciais (design de interiores), bem como para o projeto de alguns de seus principais componentes como, por exemplo, os móveis residenciais (design de mobiliário).

Exposta a problematização, cabe reforçar que esta pesquisa tem como objeto de estudo as formas de uso dos espaços habitacionais e insere-se na área do design de interiores. O design de interiores, no entanto, tem inter-relação com o design de mobiliário e, sempre que duas ou mais áreas do design se inter-relacionam para configurar um produto, tem-se um design de interfaces. Isso é importante, uma vez que as recomendações e contribuições aqui propostas podem ser extensíveis a ambas as áreas de atuação do design. Ainda sobre a temática abordada, os principais tópicos que esta pesquisa abrange são: os ambientes da habitação (**tópico amplo**) e a forma de uso dos ambientes habitacionais (**tópico específico**).

A questão do problema ou o problema desta pesquisa visa responder como os moradores estão utilizando os espaços internos da habitação nos dias atuais, para aplicar esse

conhecimento nos projetos de interiores, uma vez que os profissionais que lidam com essa área – e que nem sempre têm contato direto ou desconhecem o usuário final de seus projetos como, por exemplo, quando se projeta para os novos *home services* de aluguel no sistema *long stay*, hotéis, casa de estudante, dentre outras tipologias habitacionais de uso coletivo – poderão contar com mais essa referência para utilizar nas fases iniciais do projeto.

Nesse sentido, esta pesquisa tem como objetivo geral **propor recomendações que possam contribuir com o projeto de design de interiores residenciais, a partir da forma de uso dos principais ambientes da moradia nos dias atuais**. Como objetivos específicos têm-se:

- 1) Realizar um levantamento sobre as principais atividades desenvolvidas nos ambientes protagonistas de cada setor residencial, ou seja, sala (estar e jantar), quarto e cozinha.
- 2) Identificar como as novas tendências comportamentais e as transformações na sociedade se refletem no interior dos espaços habitacionais.
- 3) Identificar o desdobramento desses achados para o desenvolvimento da metodologia de projeto para os interiores residenciais.

A partir do exposto, destaca-se a relevância de ordem teórica deste estudo para a área do design de interiores, na medida em que pode contribuir para o desenvolvimento de novos estudos e projetos. É válido salientar a carência de pesquisas sobre o tema proposto nesta área do design. São poucas, portanto, as referências publicadas que contemplem o objeto de estudo deste trabalho. Nessa linha, destacam-se os estudos do grupo NOMADS - Núcleo de Estudos sobre Habitação e Modos de Vida, da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo (FAU-USP), coordenado pelo professor Marcelo Tramontano, que se propõe a apurar dados referentes ao comportamento atual nas habitações brasileiras.

Esta pesquisa possui caráter teórico-empírico. Quanto aos procedimentos metodológicos adotados, consideram-se a **abordagem dedutiva** e o método de **procedimento histórico** para a estruturação das questões teóricas. Já nas questões empíricas, foi considerada uma pesquisa de campo exploratória, utilizando o questionário como instrumento de coleta de dados, para abordar moradores de diversas cidades do Brasil através da Internet e Redes Sociais. Os dados coletados foram tabulados e tratados qualitativa e quantitativamente.

Este trabalho, excluindo-se a Introdução e a Conclusão, tem quatro capítulos distribuídos em duas partes relacionadas com as considerações teóricas e empíricas desta pesquisa.

A Parte 1, **Considerações Teóricas**, está dividida em dois capítulos. O Capítulo I, **A Casa no Panorama Nacional**, faz uma breve explanação sobre os setores residenciais e as principais transformações nos ambientes desses setores (social, íntimo, serviço) ao longo dos anos, sob o ponto de vista espacial e histórico. O Capítulo II, **Transformações no Comportamento da Sociedade e dos Espaços de Morar**, aborda os aspectos socioculturais que influenciam o comportamento no ambiente residencial, descreve as transformações no modo de vida urbano do final do século 20, além de destacar as mudanças das dimensões humanas e dos espaços de morar.

A Parte 2, **Considerações Empíricas**, também está dividida em dois capítulos. O Capítulo III, **Planejamento da Pesquisa**, descreve as estratégias de pesquisa, detalha a construção do questionário como ferramenta para coletar os dados, descreve a amostra da pesquisa e a análise dos dados levantados. O Capítulo IV, **Recomendações Projetuais**, reflete e discute os resultados, visando extrair recomendações projetuais sobre as informações obtidas.

Por essa via, espera-se que as contribuições desta monografia possam aprimorar, no que for possível, o arcabouço teórico dos que lidam com os projetos de design de interiores.

## **Parte 1 | Fundamentação Teórica**

---

**Capítulo I – A casa no panorama nacional**

**Capítulo 2 - Transformações do comportamento na sociedade e dos espaços de morar**

## Capítulo I - A Casa no panorama nacional

---

Neste capítulo encontram-se os aspectos descritivos dos Setores Habitacionais – social, íntimo e serviço -, onde se esclarece os detalhes históricos de cada cômodo que compõem estes setores.

O capítulo está subdividido em três subitens, onde no primeiro apontam-se as características e detalhes dos cômodos que compõem o setor social. No segundo a abordagem volta-se para o setor íntimo, e o capítulo se encerra com os detalhes históricos e evolução do setor de serviços.

Esta abordagem justifica-se, pela necessidade de conhecer as características e pormenores de cada setor habitacional.

### 1.1 Setores Habitacionais

Quando se observa a produção dos projetos de arquitetura tanto de vilas ou mansões das classes mais abastadas e de casas para a classe média quanto daquelas destinadas a habitação popular, em todos os casos do programa, mais simples ou mais complexo, mais reduzido ou mais amplo, apresentam, invariavelmente, a concepção tripartite da casa, em setores social, íntimo e de serviços (ARAÚJO, 2003).

Nos apartamentos oferecidos no Brasil, há três setores funcionais traduzidos como três blocos distintos. Essa disposição foi trazida da residência européia burguesa do século XIX e acabou sendo buscada quase sempre mesmo nas residências de menor tamanho. Independentemente do número de quartos ou do tamanho dos apartamentos, observa-se que as formas de organização, baseadas nesses três setores distintos, são recorrentes com ligeiras variações (TRAMONTANO, 2000; BRANDÃO, 2002).

**No Setor Social**, encontram-se as salas de estar e jantar, e como o próprio nome descreve, refere-se ao setor de recepção de visitas, e de interações sociais dos próprios habitantes da residência; **O Setor Íntimo**, contemplando quartos e banheiros, geralmente remete ao isolamento deste setor, para proporcionar privacidade aos seus usuários; E por fim, **O Setor**

**de Serviços**, que engloba cozinha, lavanderia, e dependência de empregados, é setor destinado aos serviços de manutenção da casa, de elaboração das refeições, estocagem de mantimentos e produtos diversos, enfim, dos serviços domésticos.

É válido frisar, que o escopo deste trabalho, estará voltado para o ambiente principal de cada um dos Setores, sendo eles; **Sala (estar e jantar), Quarto e Cozinha**. No desenvolvimento da pesquisa, nos deteremos, a compreender como estes ambientes vêm sendo utilizados na atualidade, como estes vêm se transformando, com o passar dos anos, e com a chegada de novidades tecnológicas e mudança de costumes.

Para Devides (2006), a habitação de um povo, em uma época ou específica de uma determinada classe social, é um ambiente ou um conjunto de ambientes que seguem critérios de superposição ou de distribuição de acordo com as diferentes atividades a serem realizadas dentro de um mesmo espaço. Assim sendo, nos próximos subitens seguem-se com uma descrição detalhada dos setores que compõem o interior de uma casa, e as peculiaridades das transformações históricas destes espaços no Brasil.

### **1.1.1 Setor Social**

O Setor social é o primeiro contato do visitante, do externo a residência, é o “cartão de visitas” para quem adentra uma habitação. Sobre o setor, cabe destacar:

Entraremos no espaço do habitar como uma visita e encontraremos, esperando para nos receber, o setor social em ordem, limpo, com as coisas em seu devido lugar, como se ali não existisse o calor da vida... [VERÍSSIMO e BITTAR, 1999, p. 57].

Como já mencionado, o ambiente principal deste setor é a Sala, que com o passar do tempo transformou-se em duas unidades, possuindo como funções essenciais, o receber e o comer.

Veríssimo e Bittar (1999) descrevem que, à medida que a cidade valoriza-se e chegam produtos industrializados em profusão, aumentam os aposentos da área social, crescendo também o mobiliário e requintando-se a decoração. Encontraremos diversas salas, com destinos variados dispostas pelas alas dos palacetes burgueses republicanos.



O Século XX vai encontrar esta realidade e, à sua maneira, adota-a nas residências nobres ou da classe média em ascensão. Mesmo nos primeiros edifícios de apartamentos esta prática da utilização de vários aposentos para o setor social mantém-se quase inalterada.

Com o passar dos séculos, algumas mudanças consideráveis são percebidas no setor social, ainda no século XIX o escravo é liberto, mudanças políticas e econômicas interferem diretamente nos hábitos de morar e nas configurações internas da residência. Sobre o mesmo assunto cabe destacar que:

Na planta percebemos uma recodificação de valores, pois o escravo não mais existe e o fluxo da residência deve ser reestruturado. (...) a cozinha vem para próximo da sala de jantar, valorizada agora como espaço social [VERÍSSIMO e BITTAR, 1999, p. 66].

Conforme Costa, Cidade e Moraes (s.d), no que se refere ao zoneamento, no setor social, o conceito de planta livre ou flexível influenciou a concepção da integração dos diversos ambientes. Já o conceito de “máquina de morar” aproximou o setor social e ao de serviços, às vezes ligando sala diretamente à cozinha. Após a década de 40, já no século XX, encontramos estas modificações estruturais neste setor. A sala passa a ser ligada diretamente à cozinha ou ao jardim de inverno; e consagra-se, principalmente, o edifício de apartamentos.

Na segunda metade do século XX de acordo com Veríssimo e Bittar (1999), percebe-se a utilização de novos mobiliários, equipamentos mais modernos e um caminho para a individualização do social. O setor passa a acumular funções como repousar, estudar e receber. Dentre estas funções acumuladas, incorpora-se mais uma: o trabalhar em casa, função esta que utiliza um novo protagonista, presente cada vez mais no cotidiano e nas residências das pessoas: o computador, individualizando cada vez mais o homem contemporâneo. Mesmo diante desta tendência à individualização, a sala permanece, nos apartamentos da classe média, ainda mantendo parte daquele ritual ancestral de receber.

Camargo (2003) comenta a respeito da sala que, ainda como resquício das décadas passadas, a varanda se fazia presente, perdendo no entanto, seu caráter de vigília e contemplação, e passando a mero complemento do setor social (esse elemento seria

substituído, na década seguinte, por panos de vidro e venezianas, porém retomado nos anos 70).

É percebida uma interferência direta no setor social após a criação dos condomínios, e das mudanças comportamentais das pessoas no fim do século XX. O setor social passa, em muitas ocasiões, a localizar-se exteriormente à própria residência: as salas de festas, as churrasqueiras, as salas de jogos, as piscinas. Onde as pessoas objetivam ostentar, expor seus bens, a fim de mostrar para “o vizinho” o que possui.

Especialmente falando, o setor social pouco perdeu em relação aos demais setores, houve, claramente uma redução de todos os espaços domésticos, com o passar dos anos e a necessidade de compactação dos imóveis produzidos para atender as necessidades de urbanização, mas este setor manteve-se preservado, como o maior cômodo da casa, como o setor com a real finalidade social da habitação.

### **1.1.2 Setor íntimo**

Ao entrarmos no setor íntimo, estamos penetrando em desconhecido universo velado, preconceituoso, repleto de símbolos e tabus raramente revelados a visitantes, elementos estranhos ao seio da família (VERÍSSIMO e BITTAR, 1999).

**O quarto**, principal cômodo deste setor, abriga funções como repouso, sono, convívio e sexo. Com o passar dos séculos, desde sua colonização, as residências no Brasil só vieram a apresentar mudanças significativas no setor íntimo a partir do século XIX, quando a economia do país, e as construções precisavam se entender, e atender às novas demandas de comportamento.

Até os primórdios do século XIX, o principal cômodo deste setor ainda chamava-se de Alcova, sendo este o ambiente onde o senhor de engenho, repousava, diante do calor característico dos trópicos. Algum tempo adiante as Alcovas transformaram-se em Quartos, que com a influência de características neoclássicas, passa a comunicar-se com uma saleta, ou quarto de trocar-se que, como o próprio nome diz, atendia à função de trocas do vestuário, na maioria das vezes, das senhoras. Com a presença da Corte, no Brasil, o setor íntimo é valorizado, ganhando, além do quarto de vestir, os toucadores e o quarto de banho,

precisando acolher as “reuniões” femininas, que ocorriam neste setor, na segunda metade do século XIX (VERÍSSIMO e BITTAR, 1999).

É possível reconhecer, muitas funções para este setor tais como: trocar-se, dormir, descansar. No passado, até o banho era realizado neste cômodo, além do sexo, e das reuniões íntimas com amigos ou familiares.

Com o início do século XX e a chegada da luz elétrica, nota-se um empenho em personalizar o ambiente íntimo, adequando-se mobiliário e decoração. O mobiliário muda com a influência da moda, e os hábitos de vestir-se também.

Neste século, já é possível encontrar as primeiras residências com o banheiro incorporado em sua estrutura. Mas apenas no final da década de 50, a zona íntima se “isola” do setor social, e logo em seguida, na década de 60, começam a configurar-se as *suítes*, como afirmam Veríssimo e Bittar (1999), a seguir:

Um fato de significativa importância vem completar esse quadro na década de 60: a suíte, composta do quarto conjugado a banheiro privativo e pequena saleta, à feição dos partidos utilizados nos hotéis de classe [VERÍSSIMO e BITTAR, 1999, p. 94].

A suíte passa a ser amplamente adotada nos novos projetos. O quarto do casal, agora, ganha esse status de privacidade, merecida e necessária.

Durante as décadas de 70 e 80, o quarto não sofre alteração em suas dimensões, mas sim em suas funções, pois além de atenderem às suas atividades tradicionais passarão a servir, como “sala de estar”, ou “sala de visitas” particular do ocupante daquele cômodo, procurando criar uma área social própria, como já havia ocorrido no século XIX. Sobre este fato destaca-se que:

Esse fato vai se tornar muito mais palpável em habitações menores e principalmente nos apartamentos, onde a superposição de função dos compartimentos, diante da exigüidade de espaço disponível, vai cada vez mais se fazer presente [VERÍSSIMO e BITTAR, 1999, p. 95].

Não houve mudanças significativas neste espaço de meados do século XX até os dias de hoje, talvez novas funções tenham sido agregadas, já que além de receber em sua “pequena

área social”, o usuário, dependendo de sua faixa etária, precisa estudar e armazenar tudo que está agregado a esta função dentro de seu quarto, como livros, computador, material de pesquisa. Hoje se percebe uma extrema individualização, onde dentro de um quarto, o usuário possui, TV, e em alguns casos até geladeira “individual” para seu uso.

**O Banheiro** também é ambiente integrante do setor íntimo e possui uma evolução bem interessante na história da habitação no Brasil.

O espaço destinado à higiene vai apresentar uma evolução curiosa no contexto brasileiro que varia da sua quase inexistência, sempre associado ao ‘sujo’, profano, ao aposento de destaque, muitas vezes símbolo de *status* de seu ‘dono’ [VERÍSSIMO e BITTAR, 1999, p. 98].

Como afirmam Veríssimo e Bittar (1999), as primeiras habitações no Brasil praticamente não apresentavam este cômodo em seu interior, apresentando com certa raridade espaços similares, nos quintais e exteriores da residência. No período colonial, não se fazia muito necessário um banheiro, pois as pessoas costumavam defecar nos arredores da residência, no mato mesmo, e o banho, não era muito difundido, no máximo, banhavam-se nos rios, como os índios que aqui já viviam. Até então não havia à disposição no mercado, material de qualidade, como tubulações, peças de ferro ou louças, para a confecção desses aposentos, isso só veio a ocorrer com a chegada do século XIX -, encontra-se então mais um motivo para o desleixo com o espaço. Após a chegada desses novos materiais, o “quartinho”, “casinha”, “latrina”, “privada”, antes localizados nos fundos dos quintais, começam a se aproximar da cozinha, para a criação de uma única área de escoamento de esgoto e abastecimento de água, com pisos e paredes laváveis.

Na segunda metade do século XIX, já com a presença da corte no Brasil, e com uma maior oferta de materiais e inovações, o banheiro passa a fazer parte, inicialmente, de residências nobres, e depois passa a ser adotado pelas demais classes, mesmo fora das casas, nos quintais. Os hábitos sofrem transformações, o povo passa a sentir a necessidade do banho diário devido o forte calor que faz no país.

O início do século XX, vem carregado de hábitos franceses, que vão introduzir a sofisticação nos banheiros, e nos produtos de higiene.

Segundo Veríssimo e Bittar (1999), os banheiros passam a ocupar as residências abastadas, modificando seus materiais de acabamento conforme os ditames da moda *art nouveau*, no princípio do século; *Art déco* a partir da década de 20, mas freqüentemente localizados no pavimento superior, legando ao térreo apenas um lavabo ou simplesmente um lavatório localizado na copa ou na sala de jantar. Consolidava-se a tradição de o banheiro ser íntimo, vedado a estranhos, constituindo-se grave falta de educação solicitar permissão para usar o banheiro das casas visitadas.

Costa, Cidade e Moraes (s.d) observam que, no setor íntimo brasileiro, só a partir dos anos 50, observa-se a consolidação de uma zona compacta e independente do setor social, com quartos e banheiro.

Na década de 60, observa-se também o surgimento da *suíte*, composta por quarto, banho e pequena saleta.

A localização do banheiro nessa mesma época, em relação ao organograma da habitação, apresenta um padrão nas novas construções: apenas um na zona íntima, próximo a circulação, junto aos quartos.

Nos anos 70, com a valorização do corpo e da higiene íntima, o banheiro ganha papel de destaque. Surge o desejo de cada morador possuir o seu banheiro, o seu espaço íntimo. O lavabo se estabelece junta às salas, e surge um banheiro para hóspedes. Todo e qualquer projeto ou reforma de um banheiro, passa a ter um alto custo. Há uma mitificação do espaço para a higiene, associada ao culto do corpo.

Nos anos 90, vemos a popularização de novos materiais de acabamento, graças à influência da TV, e a criação de pequenas academias, mais uma vez tendo o culto ao corpo como motivo gerador.

De acordo com Camargo (2003); os banheiros que, não raro, passaram a vir equipados com banheira, aumentaram em número para atender à rotina mais movimentada dos usuários.

Hoje a classe alta continua a sofisticar o seu espaço de higiene, já é possível encontrarmos projetos com a maioria de seus acessórios em dobro, nas suítes de casais, onde apenas o espaço é compartilhado.

Diante das transformações ocorridas, com o passar dos anos, o banheiro ganhou o seu destaque, como zona de total intimidade e individualidade do usuário. Quanto as suas dimensões, percebemos que se mantém amplo em habitações de alto padrão, onde este possui em muitos casos, balcão com duas pias, banheira e Box, e muitas vezes estão agregados ao *closet* da suíte principal, sem falar dos lavabos que, mesmo sem possuírem um Box, funcionam quase como uma extensão da sala de visitas, sempre ornados com flores ou peças de arte para quem adentra o espaço. Já em habitações mais populares, ou que não possuem suítes, estes banheiros atendem a toda uma família, que independente do numero de membros, possuem características distintas, e este mesmo banheiro em alguns casos, também faz às vezes de “banheiro social” da residência. Dependendo da habitação, este banheiro pode ser, ou não, amplo, mas com a exceção do “banheiro de serviço”, aquele que atende aos empregados da residência, os banheiros das construções atuais possuem, sem maiores impedimentos, dimensões adequadas para seu uso.

### **1.1.3 Setor de Serviço**

Podemos mesmo afirmar que, numa apreensão detalhada deste setor, é possível entender muito da intimidade da família, pois, mais do que no setor íntimo, é aqui que os hábitos sociais se revelam com mais clareza, sem a máscara utilizada pelos atores quando desempenham seus papéis no setor social (VERÍSSIMO e BITTAR, 1999).

Nos primórdios da casa no Brasil, a **cozinha** de uma habitação chegava a ocupar até um terço da área total da residência. Neste espaço, geralmente amplo, eram os escravos, normalmente as mulheres, quem passavam a maior parte do tempo, preparando as refeições, para a família, os convidados, e alguns escravos que trabalhavam mais próximo aos seus senhores. A cozinha acabou por ser subdividida em dois setores, sendo um de limpeza, abate e anteparo, e o outro como área de preparo. Cozinha suja e cozinha limpa, respectivamente, funcionando à custa da mão de obra escrava. A mulher branca, a “sinhá”, muito pouco participava da vida doméstica, inclusive da cozinha, que ficava ao encargo de alguma escrava-cozinheira.

Apenas a dimensão vai diferenciar a cozinha rural da urbana, porém as funções básicas e a disposição permanecem quase inalteradas.

Veríssimo e Bittar (1999) observam que, mesmo no século XIX, a cozinha não vai apresentar grandes modificações. Só ao seu final, com a abolição da escravidão associada à importação de produtos manufaturados e a uma mão de obra imigrante branca, é que encontraremos maior presença da mulher “civilizada” nessa área de serviço.

No princípio do século XX, as habitações já possuirão água corrente e pisos em ladrilhos hidráulicos. O fogão a lenha passa a ser substituído pelo fogão a gás, graças à chegada da luz elétrica.

Como no caso dos banheiros do setor íntimo, com a chegada de novos materiais, a cozinha já não precisa ser tão isolada da casa como anteriormente, onde se procurava afastar o calor e impedir a fumaça no interior das residências.

Costa, Cidade e Moraes (s.d) observam que, a cozinha sofreu grandes transformações no seu tamanho, no agenciamento dos equipamentos, e ainda, na implantação em relação à casa. No caso brasileiro, a cozinha precisou ser otimizada com novos equipamentos quando o papel social da mulher foi transformado, passando a acumular o trabalho doméstico e o profissional. Quanto ao seu arranjo espacial, a cozinha manteve-se próxima aos quintais, no fundo da casa, porém com acesso ao jantar à copa. Com a influência americana, nos anos 40 e 50, observam-se tentativas de incorporar sala e cozinha, como nos filmes de Hollywood. Mas ficou bem claro, que diante dos hábitos e da culinária brasileira, o formato de cozinha totalmente integrada com a sala, não funcionaria por muito tempo, pois ainda não existiam sistemas de exaustão eficientes. Em meados dos anos 70, junto ao milagre econômico, a cozinha passa a ser abastecida com produtos congelados, mesas quentes, *freezers* e fornos microondas, numa imitação do modo de viver americano.

Devides (2006) destaca que, nos lares onde os aparelhos elétricos eram instalados, havia uma tendência às alterações físicas, principalmente no sentido da diminuição dos espaços domésticos, casas menores eram mais fáceis de limpar. O lugar da casa que sofreu alterações mais significativas neste período foi a cozinha.

Do forno de ferro fundido e dos fogões a gás elétrico, maior diversidade de panelas e recipientes, provocaram um aumento e separação da cozinha. Que gradualmente passou a rivalizar com a sala de estar enquanto ponto focal da vida familiar: agora ela já não ficava no porão como antigamente, mas no andar térreo, perto da sala

de jantar. Seu projeto passou a ser cuidadosamente planejada para oferecer as condições de trabalho mais propícias [BOYLE, 1993, p. 159].

No fim de 90, cada membro da família passa a ter a sua rotina, mais uma vez a tendência a individualização interfere no espaço de morar, cada um faz a sua refeição em um horário, acorda mais cedo ou mais tarde, não almoça ou janta em casa.

Ainda no setor de serviço, temos **a copa** como ambiente que o compõe, apesar de nos dias de hoje a copa não passar de uma referência nas plantas das novas moradias, como copa/cozinha, este ambiente teve seu destaque na história da habitação no Brasil.

No princípio, ainda no período colonial, a copa, funcionava como uma sala de refeições informais, apenas para os membros da família, onde estes poderiam estar à vontade para liberar gases, ou comer com as mãos. Era na copa também que as sinhás ficavam mais “próximas” dos escravos, e podia assim assistir o trabalho que desempenhavam:

Neste local podemos observar um pouco da descontração natural que acompanha a postura das pessoas na intimidade: largos roupões entreabertos, mucamas a catar piolhos nas sinhazinhas – enfim, um espaço vedado a indiscretos olhares estranhos [VERÍSSIMO e BITTAR, 1999, p.116].

Com a chegada da família real, no começo do século XIX, a sala de viver colonial, deixa de ser do setor de serviços, mas mantém-se totalmente operada por mão de obra escrava. Na virada do século, a sala de viver deixa de existir para a classe média e os palacetes aderem à copa, próxima à cozinha, como um espaço de refeições íntimas e informais. Nas habitações mais modestas a copa fica diretamente relacionada à cozinha.

A partir dos anos 60, a copa irá aparentar um aumento de área das reduzidas cozinhas dos apartamentos.

Veríssimo e Bittar (1999) acrescentam que, apesar da diminuição e por vezes extinção desse aposento, ainda hoje a tradição de copa persiste, principalmente se considerarmos as classes menos favorecidas que ainda a utilizam como antes, ou ainda como local para televisão. Nas grandes casas abastadas, a copa se transforma em local de refeições rápidas, para o café da manhã ou mesmo, como em restaurantes, em área de preparo final de alimento e guarda de acessórios para o serviço da sala de jantar.



O setor de serviços, não se limita à copa e à cozinha, nele também estão inseridos, a **área de serviço** e o **alojamento dos empregados** como veremos a seguir.

A área de serviço, hoje reduzida a um prolongamento da cozinha, nos apartamentos da classe média brasileira, era em seus primórdios, um vasto quintal onde se cultivavam hortaliças, existiam pequenos animais para abate, onde os meninos podiam brincar sem censuras. No período colonial, nos grandes engenhos, era onde os escravos eram castigados, onde as escravas cuidavam das roupas de seus senhores, lavando, engomando.

As atividades de serviços básicas relacionadas ao espaço eram executadas em amplo espaço - como lavar, secar, passar, engomar - geralmente ao ar livre. Os quintais, ou áreas de serviços, atendiam a estas funções até os dias do hoje, quando o crescimento urbano elimina gradativamente esses espaços, substituindo-as pelos espaços sufocados que se acoplam à cozinha dos apartamentos e casas de condomínios.

No começo do século XX, as grandes casas passam a ser compartimentadas para serem ocupadas, por várias famílias através de aluguel. Com isso, a área de serviços passa a ser um tanque e alguns varais na área externa da casa, nos fundos. Já os palacetes, ocupados por famílias ricas, passam a incorporar área de serviços, garagens, lavanderias e aposentos para seus empregados.

Já no século XX, a mão de obra passa a ser a máquina de lavar e secar. Quem podia, contratava uma diarista para executar o trabalho mais pesado de passar e arrumar as roupas. A área de serviço chega à década de 80 como um simples prolongamento da cozinha, com varais de alumínio suspenso no teto, totalmente exposto aos odores gerados na cozinha.

Hoje a realidade não difere muito do final do século XX, mas com o avanço da tecnologia das máquinas de lavar, e porque não, da composição das roupas e dos produtos de auxílio a limpeza das roupas podem estar transformando de alguma forma os hábitos dos usuários deste espaço.

Quanto à **dependência dos empregados**, temos uma ocorrência curiosa, apenas no Brasil, de mantermos até os dias de hoje este aposento.

Costa, Cidade e Moraes (s.d) comentam que, uma característica especificamente brasileira é a presença do alojamento de empregados, herança da cultura de morar do período escravagista, em que a casa era dividida em casa-grande e senzala ou alojamento de empregados. É recorrente o aparecimento de apartamentos de serviços contíguos ou sobrepostos às garagens.

Ainda no período colonial, os escravos dividiam, geralmente, um espaço muito pequeno, abrigando uma família inteira, com paredes de barro e telhados na iminência de cair. Apenas os escravos que trabalhavam no interior das casas, e possuíam contato direto com a família, prestando até favores sexuais aos seus senhores, é que possuíam um mínimo de conforto em seus alojamentos. Nas residências urbanas, os escravos ocupavam as edículas, nos fundos das residências, muitas vezes junto das cocheiras e dos depósitos.

Apenas após a abolição, o setor de serviços sofreu significativas alterações, pois a mão de obra escrava passa a ser substituída pela mão de obra assalariada, que exigia melhores acomodações no caso de morar no local de trabalho.

Veríssimo e Bittar (1999) também completam que, embora alterada economicamente a relação patrão-empregado, as relações sociais antigas persistem e a divisão de moradia (casa-grande) e alojamento de empregados (senzala) vai persistir por todo o século XX.

No decorrer do século XX, o setor de serviços distribui-se entre as classes alta e média, com dimensões bastante generosas nos primeiros tempos. Caracteriza-se na década de 50, nos edifícios, as duas entradas, a de serviço e a social, onde a de serviço é isolada do contato com o *hall* principal, e os empregados só têm acesso à residência pela porta dos fundos, com elevadores de serviço com a finalidade de atender apenas aos serviços, como transporte de lixo, ou de animais domésticos.

Enfim, ainda hoje, quando as relações de produção cada vez mais estão se transformando, encontramos separados da área social os cubículos remanescentes das senzalas, (...) ou ainda nas casas de veraneio, com a residência separada para o caseiro, com seu espaço cotidiano exíguo diante da vasta área da casa-grande usada esporadicamente (VERÍSSIMO e BITTAR, 1999).

Costa Filho (2005) observa que a moradia urbana no Brasil passou por ampla reforma de ordem espacial com alterações de uso e de significados durante as últimas décadas do século XIX e do século XX. De acordo com Vaz (2002) através de Costa Filho (2005), esse período é marcado por transformações de ordem econômica, social, política e cultural, que repercutiram no espaço urbano, arquitetônico e habitacional.

Com estas observações encerram-se os esclarecimentos sobre as principais funções de cada setor, e de seus principais cômodos, e seguimos para a compreensão das transformações ocorridas no comportamento na sociedade que repercutiram no modo de morar do brasileiro nos dias atuais.

## Capítulo II – Transformações do comportamento social e dos espaços de morar

---

Este capítulo aborda, baseado em alguns autores e dados de pesquisas recentes, as transformações do comportamento social, e dos espaços de morar. Dentro desta abordagem o capítulo subdividiu-se em quatro subitens, que por sua vez possuem seus desdobramentos. O primeiro subitem destaca o comportamento social, observando as mudanças nas configurações dos grupos domésticos, das famílias, do papel de destaque da mulher perante as transformações sociais. Com base, principalmente, em uma pesquisa recente do IBGE, apresentando dados referentes às transformações demográficas no Brasil. O segundo subitem deste capítulo, aborda a influencia da tecnologia e dos meios de comunicação no ambiente doméstico, destacando a internet e a tendência de se trabalhar em casa. No terceiro subitem, a abordagem parte para a descrição da compactação dos espaços de morar e da realidade do mercado imobiliário, destacando a influencia destes fatores no modo de vida doméstico. O capítulo se encerra com o subitem que apresenta dados referentes às dimensões do corpo humano, e como este tem tomado proporções maiores em relação a décadas anteriores.

Este destaque é importante, no sentido de fundamentar a pesquisa que se desenvolverá posteriormente.

### 2.1 Comportamento Social

A transformação da sociedade está refletida no interior do espaço doméstico, a arquitetura da habitação reflete as mudanças de cada época e a transformação do espaço interno fica determinada pelos aspectos econômicos, sociais e culturais por que passa o homem (DEVIDES, 2006).

Nas ultimas décadas, novas tendências comportamentais tem sido percebidas, com clareza, em todo o mundo ocidentalizado, principalmente em meio urbano, metropolitano ou sob influencia cultural metropolitana via meios de comunicação a distancia. Por trás deste processo estão, principalmente, a liberação da mulher e sua inserção no mercado de

trabalho, que induziram modificações profundas nas relações entre pais, mães e filhos, e permitiram o aparecimento de novos formatos familiares, tais como: casais que não casados oficialmente, famílias monoparentais, etc. A própria família nuclear, padrão dominante em grande parte dos países ocidentalizados, também mudou, já que dos filhos não mais se espera obediência cega mas, principalmente, sucesso profissional. Novos modos de vida têm surgido, sobretudo nas grandes cidades, incluindo o trabalho-em-casa - eventualmente plugado a alguma rede de transmissão de informações -, o culto ao próprio corpo, as preocupações de caráter ambiental, o super-equipamento do espaço doméstico, a demanda por espaços públicos protegidos onde possam encontrar-se indivíduos de uma sociedade que parece tender a compor-se cada vez mais por solteiros, descasados, viúvas, ou, no máximo, casais sem filhos (TRAMONTANO, 1998; CAMARGO, 2003; ARAÚJO, 2003).

Para abordar cada elemento motivador das transformações nas formas de uso dos ambientes domésticos, seguem-se os subitens, que destacam as novas configurações dos grupos domésticos, os novos arranjos familiares e o papel da mulher, entre outros que se destacam durante a abordagem deste trabalho.

### **2.1.1 Novas configurações dos grupos domésticos**

Para Veríssimo e Bittar (1999) a casa é um reduto da família e, portanto, seu próprio espelho, refletindo também, numa maneira mais abrangente, a sociedade da qual essa mesma família faz parte, ao mesmo tempo em que é sua geradora.

A família mudou. Nas últimas décadas do século XX, o habitante das metrópoles parece ter tendido a viver sozinho ou a se agrupar em tipos familiares que diferem da família nuclear burguesa estabelecida nos séculos XVIII e XIX – e tão divulgada pela máquina hollywoodiana como padrão a ser seguido, em meados do século XX (CAMARGO, 2003; VERÍSSIMO e BITTAR, 1999).

Segundo Tramontano (1998), a partir de 1945, a vitória aliada na Segunda Guerra Mundial consagra a cultura norte-americana como referencial de costumes para toda a sociedade mecanizada que se queira moderna, difundida, sobretudo pelo mais poderoso e mais abrangente meio de comunicação de que se havia tido notícia até então: Hollywood, máquina perfeita na divulgação da maneira de morar americana, que incluía

eletrodomésticos, automóvel, o marido no papel do forte, inteligente, consistente e bem-humorado provedor, e a esposa, no da intuitiva, dependente, sentimental, auto-sacrificada, mas sempre satisfeita gerenciadora de uma habitação impecavelmente limpa, agora elevada à categoria de bem de consumo.

No entanto, à nuclearização da unidade familiar, veio a sofrer alterações potencializadas, na segunda metade do século XX, quando surgem os novos formatos de grupos domésticos: Famílias monoparentais, casais sem filhos, uniões livres – incluindo casais homossexuais -, grupos coabitando sem laços conjugais ou de parentesco entre seus membros, e um novo formato de família nuclear, ainda dominante nas estatísticas, na qual se percebe uma redução do controle patriarcal e um sentido de independência individual, inerente a cada membro do grupo (TRAMONTANO, 1998; CAMARGO, 2003; BRANDÃO, 2003).

Nos subitens subseqüentes, destacam-se informações referentes às transformações dos grupos domésticos, no Brasil, com dados recentes, resultados de uma Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios, realizada pelo IBGE, em 2006.

### **2.1.1.1 Quadros Demográficos**

Segundo Brandão (2003), os fenômenos demográficos têm implicação direta na habitação. Sendo assim a compreensão das transformações pelas quais a sociedade urbana brasileira tem passado nas últimas décadas se faz relevante neste contexto.

#### **Aspectos Demográficos**

O IBGE (2007) coloca que o conceito de demografia expressa o estudo das características gerais de uma população - como tamanho, a composição e a distribuição espacial -, as mudanças dessas características e suas componentes, como a natalidade, a mortalidade e os movimentos migratórios.

Conforme referencia da última Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios - realizada pelo IBGE -, em 2006, a taxa de fecundidade total - número médio de filhos que uma mulher teria ao final do seu período fértil - foi de 2,0 filhos. Tal valor traduz o resultado de um processo intenso e acelerado de declínio da fecundidade ocorrido na sociedade brasileira nas últimas décadas. Este e outros processos que influem na transformação dos arranjos familiares, no

Brasil, podem ser observados como fatores de destaque para os modos de morar da sociedade atual.

Adiante, alguns dados demográficos que contribuem com a elaboração de um panorama de alterações e tendências na atual formação dos grupos domésticos brasileiros.

### **Domicílios [Urbanização]**

A moradia pode ser considerada uma necessidade básica, como a alimentação e o vestuário, e compreende a idéia de residência somada com a vontade de se estabelecer num determinado local (IBGE, 2007).

A Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios – PNAD - , realizada em 2006 pelo IBGE, aponta que o número médio de pessoas por domicílio foi de 3,4, mostrando um decréscimo em relação a 1996, quando o numero era de 3,9 pessoas. Em regiões que apresentam os números mais altos de pessoas por domicílios, como é o caso do Norte e Nordeste, estes valores estão predominantemente associados a um histórico mais elevado dos níveis de fecundidade e do tamanho médio da família.

Quanto à distribuição dos domicílios por situação urbana e rural, o país atingiu uma taxa de urbanização de quase 85%, correspondendo a 46,3 milhões de domicílios, em 2006. Em 1996, o numero de domicílios urbanos era cerca de 32,2 milhões, equivalendo a uma taxa de urbanização de 81%.

Brandão (2003) e Camargo (2003) descrevem, a partir da demógrafa Elza Berquó, a queda acentuada da taxa de fecundidade, o aumento da longevidade, a crescente inserção da mulher no mercado de trabalho, a liberação sexual, a fragilidade cada vez maior das uniões e o individualismo acentuado são tendências quem vêm atuando no sentido de alterar o tamanho, a estrutura e a função da família nuclear.

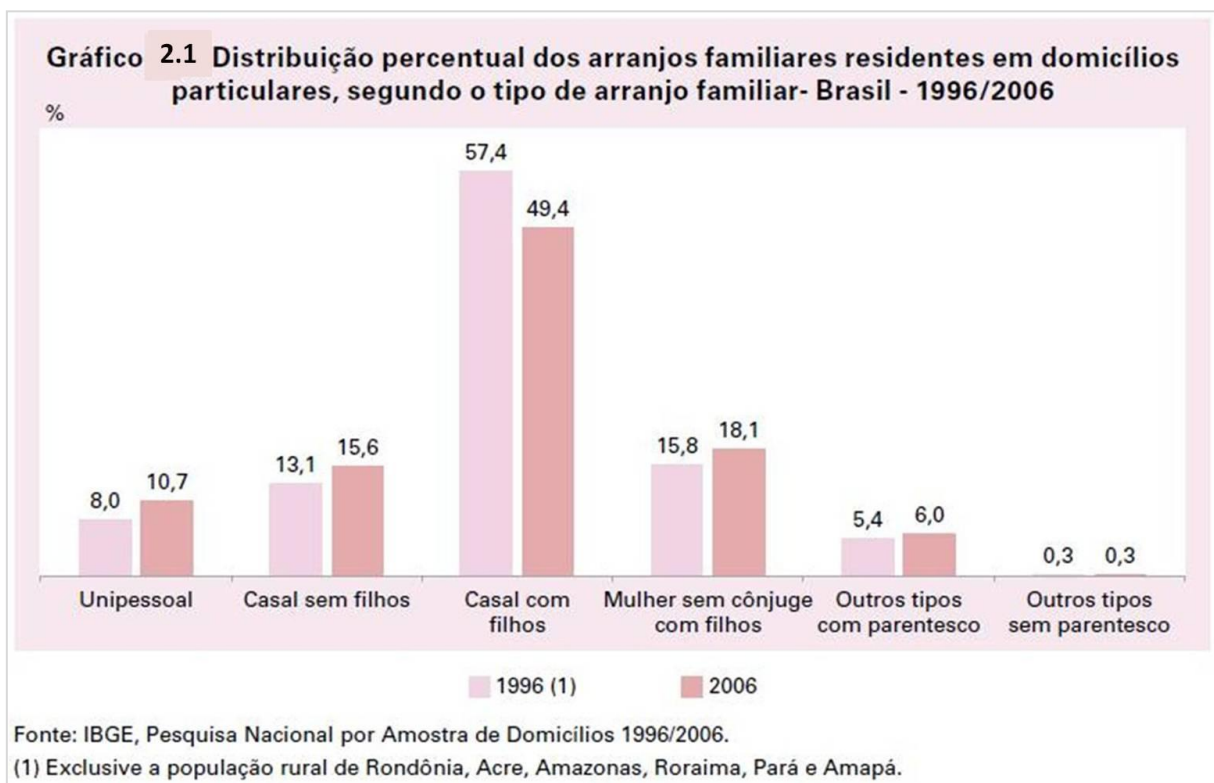
#### **2.1.1.2 Novos arranjos familiares e o papel da mulher**

A Família pode ser entendida como marco fundamental das relações sociais primárias e sua definição pressupõe a existência de vínculos de consangüinidade, adoção, ou casamento entre as pessoas. Para o IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), no entanto, a família é considerada, primordialmente, para fins de investigação, como um grupo cuja

definição está limitada pela condição de residência em um mesmo domicílio, existindo ou não entre seus membros esses vínculos.

Costa Filho (2005) observa que, para as alterações da família nuclear – composta por pai, mãe e filhos – e aos múltiplos grupos domésticos decorrentes, devem corresponder a novas formas de habitar e, portanto, novas tipologias do espaço da habitação. Segundo Tramontano (1998), este novo quadro sociodemográfico ressalta a existência de cinco grupos fundamentais: 1. famílias monoparentais; 2. pessoas vivendo sós (famílias unipessoais); 3. uniões livres; 4. coabitação sem vínculo conjugal ou de parentesco (famílias sem parentesco); e 5. a nova família nuclear.

Os resultados da PNAD 2006 - Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios- IBGE, em relação à distribuição dos tipos de arranjos, mantêm tendências já verificadas nos últimos 10 anos (gráfico 2.1); crescimento da proporção de pessoas que vivem sozinhas, dos casais sem filhos, das mulheres sem cônjuge e com filhos na chefia das famílias e, também, uma redução da proporção dos casais com filhos.



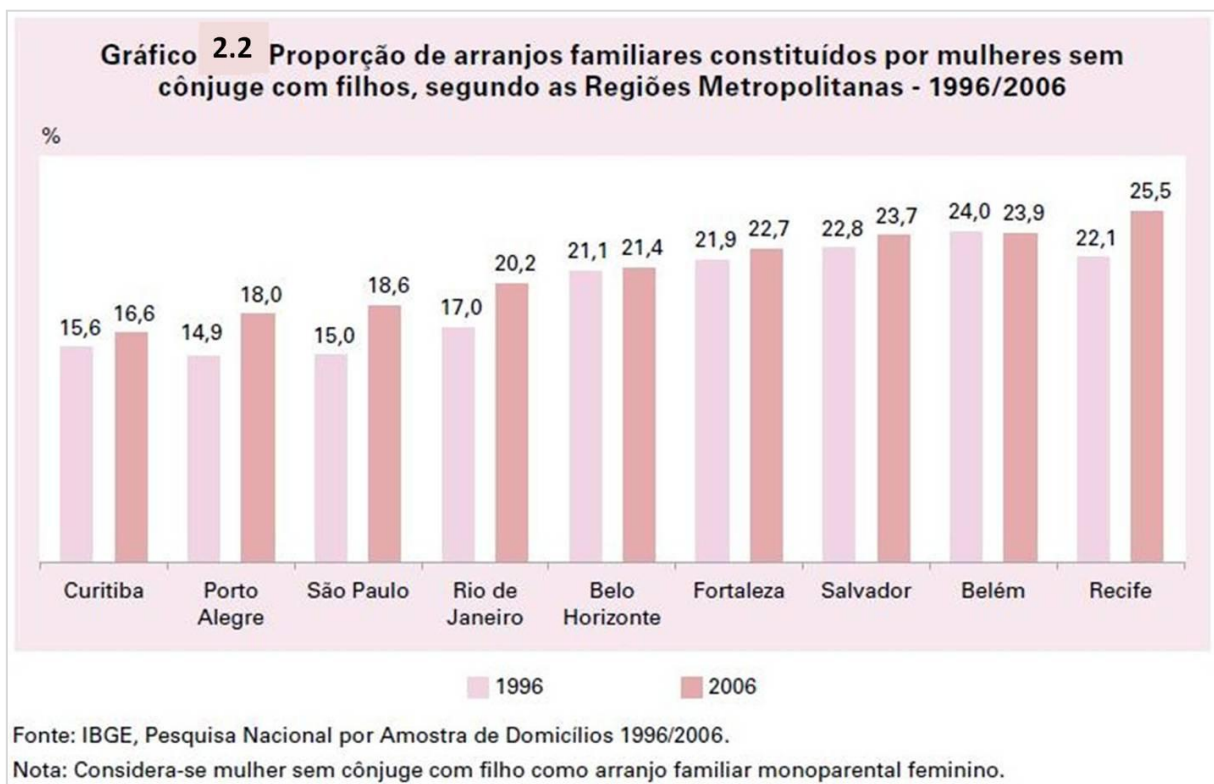


## Família Monoparental

Entende-se por família monoparental, o grupo familiar constituído em torno só da mãe ou só do pai, separados ou viúvos, com ou sem novo cônjuge.

Não se pode deixar de assinalar que o tipo monoparental feminino tem demonstrado expressão significativa nas áreas urbanas, principalmente, no contexto metropolitano. No conjunto do País, a média, em 2006, foi de 18,1%, mostrando crescimento de quase 3 pontos percentuais em relação a 1996 (15,8%). Nas regiões metropolitanas, a proporção variou de 16,6%, em Curitiba, a 25,5%, em Recife. Quando se trata de famílias monoparentais, na grande maioria (89,2%) dos arranjos a chefia era feminina (IBGE, 2007).

A seguir o Gráfico 2.2, extraído da última Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios expõe esta realidade de arranjo monoparental feminino:



Esta elevação, segundo Tramontano (1998), é a expressão de três realidades: 1. aumento do número de divórcios e separações; 2. aumento da viuvez; e 3. crescente número de mães solteiras.

Camargo (2003) comenta o estrondoso crescimento das separações judiciais, ocorridas nas últimas décadas. Este, revelou-se especialmente significativo para as mulheres que, inseridas no mercado de trabalho – ocupando funções antes reservadas aos homens – qualificaram-se profissionalmente, tornando-se menos dependentes financeiramente do casamento, e capazes de arcar, em parte ou integralmente, com as despesas da casa e dos filhos.

O aumento desse tipo de família provoca diversas conseqüências. Costa Filho (2005) aponta que, as separações multiplicam o número de grupos domésticos, diminuem o seu tamanho médio e aumenta a demanda por habitação. O cônjuge que passa a morar sozinho irá necessitar de espaço para receber os filhos.

### **Famílias unipessoais – Pessoas morando sozinhas**

Estudiosos de diferentes horizontes têm apontado na mesma direção quando o assunto é a metrópole do século XXI: seu habitante parece ser um indivíduo que vive, principalmente, sozinho, que se agrupa eventualmente em formatos familiares diversos, que se comunica à distância com as redes às quais pertence, que trabalha em casa mas exige equipamentos públicos para o encontro com o outro, que busca sua identidade através do contato com a informação (TRAMONTANO, 2004).

Para Camargo (2003) o crescente número de pessoas que vivem sozinhas é visto por estudiosos como uma tendência das grandes cidades dos países ocidentais. No Brasil, esse tipo de habitante ocupava, em 2006, 10,7% do total do conjunto do País. A esse crescimento do número de pessoas vivendo sozinhas associam-se condições como o aumento do número de divórcios, a maior longevidade da população, o adiamento da decisão de casar entre os jovens, e o crescimento das uniões informais, casos onde os cônjuges optam por morar em casas separadas. Este tipo de arranjo tem apresentado constante tendência de crescimento, em virtude, especialmente, da maior esperança de vida dos brasileiros nos últimos anos.

Apoiado em Leal, Brandão (2002) destaca que este segmento denominado público avulso pelo setor imobiliário no Brasil, compõe-se de pessoas que possuem, em média, um poder aquisitivo alto e disposto a investir na própria moradia.

## **Formas de União**

Para Tramontano (1998), na segunda metade do século XX, o casamento começa a ser questionado como instituição e torna-se uma formalidade. Valores como casar, formar um lar, ter filhos, lançar as bases de uma realidade social definida e visível dentro da sociedade, vem aos poucos, sendo abolidos.

Camargo (2006) revela que, na faixa etária entre o que os estatísticos chamam de “adultos jovens”, os filhos passaram a adiar não só o casamento, mas a decisão de deixar a casa dos pais até que atinjam estabilidade financeira. Reduzida a imposição da sociedade quanto ao casamento formal, coabita-se com um(a) companheiro(a) com menos preconceito do que há vinte anos.

Costa Filho (2005) ainda observa que, a união livre – como opção de vida das faixas mais jovens – reflete-se no espaço de moradia, freqüentemente, pela recusa das convenções. Esta postura repercute na recusa do mobiliário clássico (mesas, cadeiras, sofás) e na ausência de preocupação em adquirir bens perenes, inclusive a própria casa.

## **Coabitação sem vínculo**

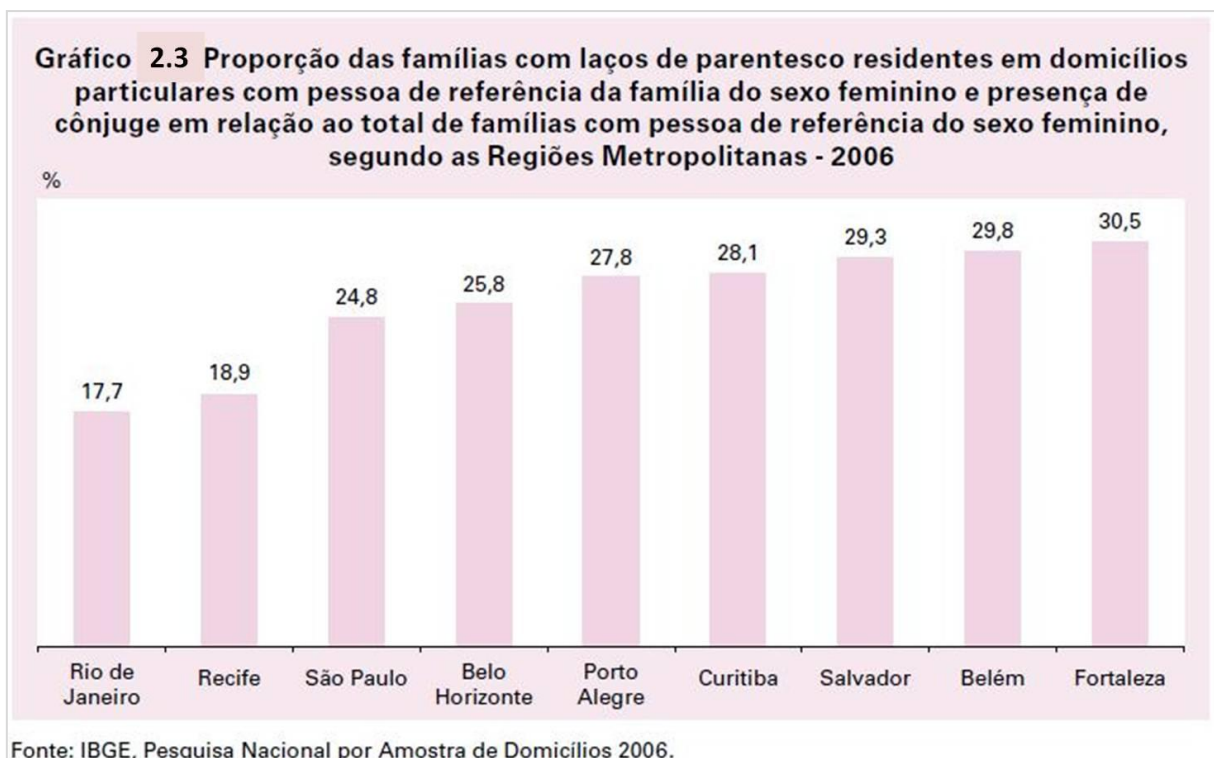
Pouco conhecido, e pouco expressivo demograficamente, este grupo baseia-se em afinidades pessoais, profissionais, estudantis ou ideológicas. A coabitação de trabalhadores jovens, as uniões homossexuais e as republicas de estudantes são representantes desses grupos no Brasil, excetuam-se os conventos e asilos. Na maioria das vezes, tais grupos ocupam os mesmos espaços habitacionais projetados para a família nuclear (TRAMONTANO, 1998).

## **A nova família nuclear**

De acordo com Brandão (2002), mesmo com novos formatos de família, a grande maioria dos indivíduos ainda vive o ciclo da vida nuclear. Estatísticas recentes do IBGE mostram que o tipo majoritário de família ainda é o formado pelo casal e seus filhos (45,1% em 2006), revelando a permanência de um padrão, constituído historicamente como modelo básico de arranjo doméstico.

Como resultado da redução da fecundidade e suas causas, e também pelo envelhecimento da população, esse grupo familiar vem diminuindo de tamanho, tanto nos países de capitalismo avançado como em países de capitalismo tardio. A rigor, há dois tipos de diminuição: a do número de filhos e da participação no total dos grupos domésticos (TRAMONTANO, 1998).

Chamam atenção algumas transformações desta nova família nuclear. Uma característica está na redistribuição da autoridade. Não há mais um “chefe de família” - termo substituído por “pessoa de referência” em estatística -, devido ao deslocamento da função de provedor para outro membro do grupo, ou a falta de consenso entre os membros sobre quem é realmente o chefe (TRAMONTANO 1998; CAMARGO, 2003). O aumento do número de mulheres no mercado de trabalho, contribuindo para o sustento da família de forma igual ou até mesmo superior, reforça esta definição. Como é possível observar no Gráfico 2.3;



Para o IBGE (2007), estas evidências empíricas observadas a partir dos dados da PNAD, e que levaram a construir os indicadores mencionados anteriormente, são importantes subsídios para a compreensão dos novos valores comportamentais vividos na sociedade contemporânea.

Costa Filho (2005) frisa que, a nova família nuclear necessita, no mínimo, de espaços de habitação que propicie a preservação das individualidades de seus membros, suas atribuições, e mesmo, novos hábitos.

### **O Papel da mulher**

Nos cenários nacional e internacional, a mulher tem cada vez mais aumentado seu espaço nas esferas social, política e econômica, mas é no âmbito da família, considerada o *locus* primário da construção social das relações de gênero, que se tem observado as mudanças mais expressivas. As relações entre homens e mulheres têm mudado nos últimos anos com a redução do número de filhos por mulher, a crescente participação das mulheres no mercado de trabalho e contribuição no rendimento familiar, o aumento do número de mulheres como pessoa de referência da família, entre outros aspectos que permitem traçar o perfil da mulher brasileira (IBGE, 2007).

Assim como existem hoje diferentes configurações familiares, há mudanças nos papéis assumidos pela mulher que precisam ser destacados.

As transformações históricas nacionais, iniciadas com a Abolição da Escravatura e a Proclamação da República, têm implicações diretas nas novas configurações dos espaços internos habitacionais que, começam a se reestruturar para suprir a carência da mão de obra escrava. A partir de então, começam a compactar os espaços residenciais, pois não há mais o escravo para as tarefas servis, que passam para a responsabilidade da mulher (VERÍSSIMO e BITTAR, 1999; BRANDÃO, 2002).

Sobre o perfil das mulheres responsáveis pelos domicílios no Brasil, o IBGE (2007) mostra de acordo com a última Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios, que 29,2% dos domicílios brasileiros possuem uma mulher como pessoa de referência. O número de mulheres que são indicadas como a pessoa de referência da família aumentou consideravelmente entre 1996 e 2006, passando de 10,3 milhões para 18,5 milhões, nesse período. Em termos relativos, esse aumento corresponde a uma variação de 79%, enquanto, neste período, o número de homens “chefes” de família aumentou 25%.

Para Tramontano (1998), o ingresso da mulher em parcelas no mercado de trabalho, antes reservadas ao homem, trouxe forte impacto na estrutura e composição da família e na

distribuição de papéis dentro dela. As mulheres autônomas financeiramente, com nível de instrução mais elevado, declaram-se insatisfeitas com seus casamentos, autonomia que requer uma redefinição de papéis dentro e fora da família. O IBGE (2007), ainda aponta que, em 1996, a proporção de mulheres nas condições de pessoas de referência que estavam ocupadas era de 51%, passando para 54%, em 2006.

A partir da segunda metade do século XX, Veríssimo e Bittar (1999) colocam que, a exemplo do que já vinha ocorrendo em países europeus anos antes, a mulher brasileira, que agora acumula o trabalho doméstico e profissional, impele a melhoria e otimização gradativa do ato de cuidar da casa, apesar da resistência machista.

Apesar de todas as mudanças pelas quais as mulheres estão passando em vários espaços da sociedade e no âmbito da família, um aspecto ainda demonstra elevado grau de desigualdade entre homens e mulheres no interior dos lares brasileiros, é a divisão dos afazeres domésticos. Somente metade dos homens realiza afazeres domésticos (51,4%), enquanto 9 em cada 10 mulheres tinham essa atribuição. Para as mulheres, a saída para o mercado de trabalho não significa deixar de fazer tais atividades, pelo contrário, a participação delas quando ocupadas é ainda maior (92%). A elevada distância que existe entre homens e mulheres com relação a este aspecto não permite afirmar que há uma divisão de tarefas domésticas nos lares brasileiros, embora, nos últimos dez anos, os dados indiquem uma maior participação dos homens nos afazeres domésticos. Entre 1996 e 2006 os homens aumentaram sua participação nas tarefas domésticas em 7 pontos percentuais, passando de 44,4% para 51,4%.

Os novos papéis e costumes adotados por esta nova mulher, sem dúvida representam fatores de peso a serem considerados nos estudos dos espaços da moradia. A literatura indica que as mudanças sociais sofridas pelo sexo feminino sempre se repercutiram no interior doméstico, nos espaços, nos equipamentos e também nos materiais de acabamento (COSTA FILHO, 2005; BRANDÃO, 2002).

## **2.2 Novas tecnologias e os novos hábitos domésticos**

Para Camargo (2003), a diversificação de arranjos familiares não deve ser abordada, isoladamente, como o único provável elemento propiciador de alterações nos modos de vida

e hábitos domésticos contemporâneos. Em conjunção com esse fator, a acelerada absorção de tecnologia pelo espaço doméstico – ocorrida ao longo da segunda metade do século 20, e marcada pela automação e mais recentemente, pela informatização das habitações urbanas/metropolitanas – concorre para uma profunda transformação desses hábitos, delineando novos usos do espaço físico da moradia. Como a própria autora coloca no seguinte trecho:

Nos quartos, instalaram-se silenciosos aparelhos de ar condicionado; as cozinhas equiparam-se com fornos microondas, lava-louças, cafeteiras elétricas capazes de produzir um autêntico café expresso; num avanço digno da família Jetson do desenho animado, sentando-se diante de um computador pessoal, tornou-se possível trabalhar em rede com o escritório, fazer compras, utilizar-se de serviços públicos, pagar contas e investir no mercado de ações [CAMARGO, 2003, p. 48].

### **2.2.1 A Internet e o *Home-office***

A tendência de se trabalhar em casa é um dos fatores agregados ao avanço da tecnologia que desperta o interesse de pesquisadores, no sentido de compreender que transformações se fazem necessárias ao espaço doméstico.

Os últimos vinte anos do século XX assistiram a transformações profundas das dimensões espaciais da vida cotidiana, resultantes da invasão e da banalização dos eletroeletrônicos e, especialmente – já no final desse período - das *novas mídias*, como TV a cabo ou por satélite, telefonia celular, e o acesso à rede internacional de informações – a **Internet**. A potencialização dos meios de comunicação passou a conferir às habitações a liberdade de funcionar a distancia, relacionando-se entre si em uma esfera virtual, quase independentemente do espaço concreto, o que torna os tempos anteriores – quando era necessário se localizar dentro dos limites geográficos da metrópole para estar próximas às fontes de informação – mais distantes que realmente estão. É sobretudo neste sentido que estas transformações são profundas, no ponto em que, equipado com meios mais performáticos de comunicação a distancia, o local de trabalho tende a ocupar novamente o espaço da habitação, que deverá alojar um número mínimo de pessoas, talvez uma única,

criando o cenário que abrigará um novo tipo de força de trabalho, completamente fragmentada (TRAMONTANO, 1998; CAMARGO, 2003).

Tramontano (2004) observa que, algumas condições vão facilitar a introdução do trabalho em casa, como: a revolução da informática, que permitiu a comunicação virtual rápida e segura, transportando informações de forma ágil e fácil; o surgimento de profissões que permitem a escolha do lugar e horário independentes, sem prejuízo de desempenho e a própria condição das grandes cidades, que dificulta os deslocamentos e provoca grandes desgastes físico-emocionais nas pessoas.

Para Camargo (2003) a questão vem sendo tratada como uma transformação socioeconômica contemporânea que implica uma crescente mutação do espaço da moradia e da demanda de habitações personalizadas. Futurólogos chegam a prever uma transformação do atual modelo urbano, com o fim das cidades como são conhecidas atualmente, uma vez que o *trabalho-em-casa* passa a representar um fator de redução dos deslocamentos diários para jornadas de trabalho e uma solução para os atuais congestionamentos dos centros urbanos.

Brandão (2002) expõe que a adaptação dos espaços habitacionais para o trabalho produtivo (integral ou parcial) é uma tendência que existe e pode se elevar no Brasil, a exemplo do que já ocorre em outros países. Interessa verificar as demandas que isto traz aos projetos residenciais.

O uso do computador, já consagrado em multifinalidades é hoje um item essencial para toda a família. Entretanto a sua localização ainda não está bem definida, buscando-se criar nichos, utilizar cantos ou corredores na adaptação ou reforma de habitações.

Pelo exposto, destaca-se que a desconsideração do espaço para trabalhos profissionais na habitação tem ocasionado grande numero de alterações na configuração dos imóveis e, conseqüentemente, reduzido o tamanho de algum ambiente, às vezes já mínimo, para alocar essa função específica (COSTA FILHO, 2005).



### 2.2.2 Consumo da mídia e Individualismo

Para Camargo (2003) a banalização da TV e do conceito de *home office*, assim como das facilidades de comunicação a distancia através do microcomputador pessoal conectado à Internet, aparelhos telefônicos e fax, associam-se à individualização dos membros do grupo familiar, à medida que passa a ser possível construir ambientes virtuais individuais e, como propõe o urbanista e filósofo Frances Paul Virilio, o verbo *Isolar-se* passa a significar *estar em contato* com o mundo – neste caso, a partir da segurança da moradia.

Tramontano (1998) destaca que, por volta das décadas de 1950 e 1960 a informatização começa a dar sinais de um desenvolvimento capaz de permitir-lhe suceder a mecanização. Apenas trinta anos mais tarde, a comunicação a distancia vê-se já completamente modificada, as noções de deslocamento postas em cheque, enriquecidas com a banalização do conceito de realidade virtual. Diferentemente da sociedade industrial, na qual a população agrupa-se em pólos onde está a informação, na emergente sociedade pós-industrial, como tem sido chamada, a informação é que seria levada aos indivíduos, e o lugar onde eles concretamente se encontram importa pouco. O chamado modo de vida metropolitano propaga-se também através dos meios de comunicação, o que contribui, sem duvida, para o movimento de população a partir das grandes cidades do mundo em direção a comunidades menores.

Costa Filho (2005) comenta que as novas tecnologias e mídias, no que diz respeito aos equipamentos domésticos, representam outro fator de demanda por novas formas de organizar o espaço interno da moradia. A grande variedade na oferta de produtos para mobiliário, equipamentos, eletrodomésticos e decoração, nas últimas décadas, e mais recentemente, as novas mídias, representadas pelos sistemas televisivos a cabo e via satélite, sistema de telefonia celular e internet, certamente promovem impactos sobre a habitação contemporânea, sugerindo mudanças no desenho do espaço habitacional.

Camargo (2003) acrescenta, com uma pesquisa interessante realizada pela revista *Veja*, em 1996, com jovens brasileiros urbanos, que identificou-se como “objeto de desejo” da maioria – 81% - dos adolescentes entrevistados, “um quarto inteiramente seu”, sem ter de dividi-lo com outros irmãos, e que lhes garantisse o maior tempo possível sem contato com

familiares. Uma vez atingida essa meta, a próxima, segundo publicado, passaria a ser equipar o próprio quarto com parafernálias eletrônicas.

Hoje a realidade não se distingue muito da descrita por Camargo em 2003, apesar dos artefatos tecnológicos terem evoluído bastante nestes quinze anos, a tendência ao isolamento, ao individualismo, só vêm se confirmando.

### **2.2.3 O processo de acúmulo de eletrodomésticos na habitação urbana brasileira**

Para Camargo (2003) a estabilidade monetária alcançada a partir de meados dos anos 90, juntamente com o aumento real do poder aquisitivo brasileiro, trouxe grande euforia consumista, refletida de modo particularmente acentuado no interior das moradias. Após o período de recessão vivido nos anos 80, se de um lado as camadas populares, antes à margem do mercado de consumo, puderam lograr a preços cabíveis parte do avanço tecnológico alcançado na década anterior, a classe média, por sua vez, ansiosa por se atualizar, segundo os novos padrões de consumo, equipou o interior de duas habitações com novidades eletroeletrônicas, renovando o desejo de espelhar ascensão social através da produção do espaço doméstico.

O descrito por Camargo(2003) se confirma com os dados da última Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (IBGE, 2007): os domicílios brasileiros apresentam resultados favoráveis quando se verifica o acesso a alguns serviços, como iluminação elétrica, linha de telefone fixo e posse de alguns bens. Quanto à iluminação elétrica, praticamente todos (99,7%) os domicílios urbanos estão sendo atendidos. No caso do telefone, 53,4% tinham uma linha fixa, enquanto um micro computador já estava presente em 25,5% dos domicílios, e o acesso a internet foi somente encontrado em 19,6%. Geladeira e TV em cores foram encontrados na grande maioria dos domicílios (quase 95%). Já no caso da máquina de lavar roupa, considerada um diferencial nos afazeres domésticos, foi verificada em apenas 42,2% dos domicílios.

Reduzido o tempo consumido entre o desenvolvimento de novas tecnologias e sua chegada ao mercado, o ambiente doméstico brasileiro rapidamente incorporou opções de

entretenimento eletrônico, integrando-se à tendência mundial de substituir pelo prazer doméstico, a diversão na rua.

### **2.3 Os Espaços de morar**

Com a intenção de expor a realidade habitacional nos dias de hoje, alguns autores (COSTA FILHO, 2005; BRANDÃO, 2002; TRAMONTANO, 1998) apontam que a compactação dos espaços de morar vem, comprometendo o desempenho de atividades cotidianas, a distribuição do mobiliário dentro dos ambientes domésticos, e influenciando diretamente nos modos de morar de quem ocupa estes espaços.

Costa Filho (2005), de acordo com Lemos, descreve que na década de 30, o prédio de apartamentos torna-se fato corriqueiro e aceito sem a pecha de ambiente ruim. Prédios de programas variados, apartamentos de um, dois ou três dormitórios diferentes daqueles pioneiros da década anterior, semelhantes às residências isoladas são consolidados na aceitabilidade da classe média.

Brandão (2002) observa que os projetos de apartamentos no Brasil são voltados para a família nuclear tradicional e se caracterizam pela alta hierarquia no que se refere aos dormitórios. É comum o estabelecimento de áreas diferentes para os cômodos, em geral com destaque para a suíte principal.

Para Tramontano (2004) mesmo que agora tendam a habitá-la grupos domésticos cujo perfil difere cada vez mais da família nuclear convencional, e cujos modos de vida apresentam uma diversidade cada vez maior, o desenho dos espaços desta habitação permanece intocado, sob a alegação de que se chegou a resultados projetuais economicamente viáveis, que atendem às principais necessidades de seus moradores.

Brandão (2002) observa que, ao longo do processo de revisão da literatura e análise das tipologias – plantas de apartamentos - em vigor no Brasil, constata-se a prática arraigada da tripartição íntimo-social-serviço. Independentemente do número de quartos ou do tamanho dos apartamentos, observa-se que as formas de organização, baseados nestes três setores distintos, são recorrentes com ligeiras variações. Esta forma de organizar os *layouts*, centrada no funcionalismo – onde cada peça ou ambiente recebe uma designação prévia, um único acesso normalmente, e uma única disposição possível para a mobília -, ao mesmo

tempo em que tem modelado o modo de habitar de grande parte da população, começa a dificultar a inserção de atividades correspondentes aos novos comportamentos e modos de vida dos moradores.

### **2.3.1 O mercado imobiliário e a compactação dos espaços de morar**

A década de 50 é caracterizada pelo chamado *boom* imobiliário. A propriedade imobiliária se tornou campo favorito de investimentos e lucros oriundos da indústria, do comércio ou da exportação agrícola. Nessa época, as influências estrangeiras tentaram modificar os hábitos do usuário para adequá-lo aos interesses da especulação imobiliária, agora bastante fortalecida (COSTA FILHO, 2005).

Camargo (2003) afirma que a partir da segunda metade dos anos 60, num processo que se estenderá pelas próximas décadas, o grande adensamento populacional e os altos preços do solo deram início à especulação imobiliária com a produção em série de apartamentos, cuja arquitetura passou à gradativa desconsideração das necessidades reais dos usuários, nos espaços internos de muitas habitações.

A partir de 1964, com o golpe de estado, a produção habitacional passou a ser intensivamente monitorada pelo poder federal, através do Sistema Financeiro de Habitação – SFH – e do seu agente central, o Banco Nacional da Habitação – BNH. Funcionando como gestor do FGTS e banco central de poupança e empréstimo para financiamento de planos de habitação, o SFH financiou, durante o período de sua existência – de 1964 a 1986 – expressivos quatro milhões de moradias, promovendo uma profunda transformação no espaço urbano brasileiro. Voltada principalmente à produção de apartamentos de dois, três, quatro e mais dormitórios, grandes incorporações marcaram, no decorrer das décadas de 1960 e 1970, uma expansão sem precedentes do processo de verticalização (CAMARGO, 2003; BRANDÃO, 2002; COSTA FILHO, 2005).

Costa Filho (2005) menciona que após o período de grande euforia de crescimento econômico das décadas anteriores, a hiperinflação e o desemprego encerraram os anos 70 e iniciaram os anos 80. Com a crise econômica que se abateu no país, caracterizada pela perda do poder de compra dos salários e o rebaixamento do padrão de épocas prósperas, novas estratégias foram lançadas pelo mercado imobiliário para se adaptar à nova situação. Neste

caso, às áreas privativas dos apartamentos irão se caracterizar pela constante redução em tamanho favorecendo impacto negativo na utilização dos espaços internos habitacionais.

Neste âmbito, Camargo (2003), apoiada em dados do IAB-SP e Datafolha, expõe que a reação do mercado imobiliário para viabilizar a produção e a comercialização de apartamentos ao longo das décadas de 80 e 90, traduziu-se em unidades habitacionais cada vez menores e mais desprovidas de equipamentos. Comparativamente, na década de 80, as áreas privativas médias de apartamento com 1, 2 e 3 dormitórios na Região Metropolitana de São Paulo, respectivamente, 60m<sup>2</sup>, 95m<sup>2</sup> e 140m<sup>2</sup>, chegaram, no final da década de 90, a 33m<sup>2</sup>, 55,8m<sup>2</sup> e 81m<sup>2</sup>.

No início dos anos 90, com a extinção do Sistema Financeiro da Habitação, o mercado de imóveis deixou de receber a atenção dos agentes financeiros e os financiamentos passaram, então, a ser feitos diretamente entre cliente e empresa, sobretudo a partir da compra de imóveis na planta, gerando a tendência pela personalização dos imóveis (BRANDÃO, 2003).

Na segunda metade da década de 90, o país iniciou uma caminhada para a estabilidade econômica com o Plano Real, que manteve a inflação em patamares baixos por mais quatro anos, e aqueceram o mercado imobiliário intensificando a comercialização de apartamentos. Entretanto, às áreas privativas dos apartamentos, cada vez mais compactas, caracterizar-se-ão pela diminuição em tamanho dos seus ambientes com impacto negativo na utilização dos espaços internos habitacionais (COSTA FILHO, 2005).

## **2.4 Espaços menores, homens maiores**

Percebe-se que os espaços da habitação brasileira vêm sofrendo uma redução, por motivos citados anteriormente, paralela a esta compactação dos ambientes, um dado interessante vem somar-se às informações que precisam ser observadas pelos projetistas, o ser humano, além de estar vivendo por mais tempo, tem crescido. A cada nova geração, alguns centímetros vêm chamando a atenção de especialistas e estudiosos da antropometria.

A maior parte dos dados antropométricos é freqüentemente expressa em percentis. A população representada é dividida em cem categorias percentuais da maior para a menor, em relação a algum tipo específico de dimensão corporal. O primeiro percentil de uma tabela indica que 99% de uma população teriam medidas maiores. O percentil 95 indica que

somente 5% de uma população teriam a mesma medida ou menores, explicam Panero e Zelnik (2002).

Panero e Zelnik (2002), a partir de Hertzberg, destacam que os homens médios em duas dimensões de medida constituem apenas cerca de 7% da população; em três dimensões de medidas apenas 3% e, em quatro dimensões de medidas, a percentagem cai para menos de 2%. Não há média humana em dez dimensões. Portanto, o conceito do homem médio está fundamentalmente incorreto, porque não existe tal criatura. Para serem eficientes, os ambientes e objetos devem ser projetados considerando-se a gama de medidas do corpo humano.

#### **2.4.1 As “novas” dimensões do homem**

Costa Filho (2005), de acordo com Guimarães, coloca que as medidas antropométricas de um povo podem se modificar com a época. As armaduras dos europeus da Idade Média, com altura média de 1.50m e o *cockpit* de um avião *Spitfire*, da Segunda Guerra Mundial, são incompatíveis com a estatura dos soldados atuais.

Para Lida (1998), os hábitos alimentares, a saúde e a prática de esportes podem, fazer as pessoas crescer. Esse crescimento é incrementado quando povos subalimentados passam a consumir uma maior quantidade de proteínas. Já se observou um crescimento de até 8 cm na estatura média do homem em apenas uma década. Segundo o autor, em estudo realizado com imigrantes japoneses, nos EUA, constatou um crescimento médio de 11 cm a mais na estatura média desse grupo em relação à geração dos seus pais. No entanto, as proporções corporais não se modificaram, demonstrando a forte correlação da carga genética nas proporções corporais, mas não com as dimensões do corpo em si.

De acordo com Panero e Zelnik (2002), também há possibilidade de variações nas dimensões corporais dentro de um mesmo país. Estudos socioeconômicos revelam diferença significativa na estatura entre pessoas de diferentes profissões. Segundo os autores, uma comparação entre a estatura de motoristas de caminhão e pesquisadores, por exemplo, indicou que os últimos eram mais altos que os primeiros. O grupo dos militares se diferencia da população civil. Soldados americanos da II Guerra Mundial eram mais altos e pesados que os soldados da Primeira Guerra.

Essas alterações antropométricas da população demandam reformulações no dimensionamento de produtos, pois suas medidas precisam ser alteradas para atender à população usuária, caso contrário, ficarão em desacordo com as novas exigências.

Os dados comentados fundamentam o argumento que o aumento da estatura de algumas populações é inverso à diminuição, em tamanho, dos ambientes internos em apartamentos, indicativo de um conflito interfacial significativa. Evidencia-se, que o sistema produtivo-imobiliário, ainda não considera essa relevante constatação no dimensionamento dos apartamentos atuais (COSTA FILHO, 2005).

Segundo Panero e Zelnik (2002), um espaço é considerado adequado quando as pessoas conseguem movimentar-se nele sem esbarrar em nada ou em ninguém. Essa dimensão, diferente das medidas antropométricas, não é física. Ao acomodar o corpo ao ambiente, os fatores envolvidos não podem se limitar às medidas e distâncias, no sentido absoluto. Apoiados em Hall, os autores citados afirmam que há certas “dimensões ocultas” que estão baseadas na natureza da atividade ou interação social.

#### **2.4.2 Novos contextos para novas medidas**

De acordo com Panero e Zelnik (2002), a diversidade das atividades dentro dos espaços residenciais é extraordinária, independente de tipo e tamanho. São espaços onde as pessoas dormem, relaxam, alimentam-se, meditam, descansam, fazem serviços domésticos, lêem, cozinham, são concebidas e até nascem ou morrem. Também é o local onde as pessoas passam, pelo menos, metade de seu tempo quando acordadas, e estão sujeitas à maior parte de ferimentos que sofrem durante toda a sua vida. A quantidade e a variedade de funções que são produzidas nesses ambientes, o tempo envolvido e a vulnerabilidade a situações de fadiga e acidentes denotam significação extra à qualidade da interface entre o homem e aqueles ambientes.

Outro fator que torna essa interface ainda mais importante é a diminuição dos espaços residenciais no mercado, devido o aumento do custo do solo urbano e da construção. Em muitos casos, essa consequência irá requerer maximizar a utilização do espaço existente através de formas inovadoras para a solução de projeto. Por exemplo, pode-se explorar o

uso do espaço acima da cabeça ou utilizar o mesmo espaço para várias funções (PANERO e ZELNIK, 2002; COSTA FILHO, 2005).

Os dados antropométricos devem ser relacionados como uma das várias fontes de informação ou ferramentas disponíveis para o projeto. A dimensão corporal é apenas uma das inúmeras configurações humanas que têm impacto na fixação das dimensões dos espaços.



## **Parte 2 | Considerações Metodológicas**

---

**Capítulo III – Planejamento da Pesquisa**

**Capítulo IV – Recomendações Projetuais**

## Capítulo III – Planejamento da Pesquisa

---

Este capítulo tem por objetivo apresentar os materiais e métodos que serviram de suporte para a realização da pesquisa de campo. Com esse propósito, foi estruturado em três itens que, por sua vez, relacionam outros subitens. Inicialmente, o primeiro item apresenta a delimitação e pressupostos da pesquisa. O segundo item, relacionado com a metodologia adotada, descreve todo o planejamento da pesquisa de campo, desde a escolha do tipo de pesquisa, a elaboração do questionário, a definição do plano de amostragem, o procedimento de coleta dos dados levantados até a forma de processamento utilizada. No terceiro item, tem-se a análise dos dados obtidos através dos questionários aplicados *on-line*. Dessa maneira, descrevem-se, além das características dos usuários que responderam ao questionário, as questões exploratórias sobre as atividades desempenhadas nos ambientes domésticos.

Esta abordagem é importante para o trabalho porque disseca os procedimentos metodológicos empregados na pesquisa exploratória com usuários dos ambientes residenciais estudados, além das técnicas utilizadas para obter os dados. Também podem contribuir para asseverar confiabilidade e credibilidade aos resultados encontrados e a pesquisa de campo.

### 3.1 Delimitações e Pressupostos da Pesquisa

O campo de estudo desta pesquisa se insere, principalmente na área do Design de Interiores, bem como de alguns artefatos que configuram o ambiente, assim também considera-se o Design de Mobiliário. Cabe reafirmar que o seu objeto de estudo é o uso dos ambientes residenciais. Portanto, sob o ponto de vista dos espaços internos dessa tipologia, esta pesquisa delimita-se aos ambientes protagonistas de cada setor residencial, quais sejam; sala (estar e jantar), quarto e cozinha.

O enfoque escolhido para a pesquisa envolve extensa lista de atributos e condicionantes, que para Costa Filho (2005) é comum quando se aborda o tema habitacional. Contudo, vários recortes precisaram ser realizados com finalidades puramente metodológicas. Os

atributos do espaço construído, apesar de relacionados com as atividades dos ambientes residenciais, não fazem parte do escopo deste trabalho. O enfoque cognitivo da psicologia ambiental e comportamental, obviamente importantes, não serão abordados aqui, volte-se a dizer, mesmo com a consciência de sua evidente importância às atividades domésticas.

Uma vez definidos os objetivos deste estudo, uma série de possibilidades surge diante do pesquisador quanto aos métodos de investigação mais adequados à pesquisa. Pode-se dizer que existe uma gama de métodos que podem ser aplicados a cada investigação, dependendo da eleição da metodologia e de uma série de condicionantes internos e externos à pesquisa. Cabe ao pesquisador analisar as vantagens e desvantagens de cada perspectiva.

A intenção de se ter um conhecimento mais abrangente sobre as formas de uso dos ambientes residenciais, também requer que a investigação seja desenvolvida com vários usuários, e de preferência os economicamente ativos, que possuam uma renda superior a três salários mínimos.

## **3.2 Procedimentos de Pesquisa**

### **3.2.1 Definição do tipo de pesquisa**

Conforme discutido no Segundo Capítulo (p. 16), são muitos os fatores condicionantes das transformações nas atividades desenvolvidas nos ambientes domésticos, das diferentes configurações dos grupos de indivíduos que habitam a residência, até os avanços tecnológicos que permeiam uma comunicação quase ilimitada. Levando-se em consideração toda essa gama de atributos, foi definida a opção por uma pesquisa de campo exploratória, ou qualitativa, recomendada quando as questões envolvidas são muito amplas, o que ocorre quando se trata, por exemplo, de investigar as atividades desenvolvidas nos ambientes domésticos. Indicada ainda, segundo Marconi e Lakatos (2004) para gerar novos dados que sejam capazes de levantar hipóteses que possam ser verificadas por meio de estudos qualitativos.

O instrumento utilizado para a coleta de dados foi o questionário, aplicado através da internet, utilizando a plataforma *Google* para sua transmissão (e posteriormente a análise

dos dados), a fim de identificar dados determinantes no desempenho das atividades no ambiente residencial e compreender a visão dos usuários a cerca do ambiente que ocupa, buscando-se contribuir para os projetos de design de interiores. Sendo os objetivos desta pesquisa; realizar um levantamento sobre as principais atividades desenvolvidas nos ambientes protagonistas de cada setor residencial, ou seja, sala (estar e jantar), quarto e cozinha; identificar como as novas tendências comportamentais e as transformações na sociedade se refletem no interior dos espaços habitacionais; e identificar o desdobramento desses achados para o desenvolvimento da metodologia de projeto para os interiores residenciais. Estes foram considerados na elaboração das questões do questionário que serão pormenorizadas a seguir.

### **3.2.2 A elaboração dos questionários e a fase de pré-testes**

De acordo com Marconi e Lakatos (2002), o questionário é um instrumento de coleta de dados constituído por uma série ordenada de perguntas, que devem ser respondidas por escrito e sem a presença do entrevistador. Em geral, o pesquisador envia o questionário ao informante - no caso deste trabalho através da internet e depois de preenchido o pesquisado devolve-o do mesmo modo. Na organização do questionário, devem-se levar em conta os tipos, a ordem, os grupos e a formulação das perguntas.

O propósito inicial na elaboração dos questionários foi o de organizar as variáveis relevantes ao objetivo da pesquisa, qual seja, propor recomendações que possam contribuir com o projeto de design de interiores residenciais, a partir da forma de uso dos principais ambientes da moradia nos dias atuais. Neste âmbito, os questionários foram elaborados com vinte e quatro questões. Para facilitar sua estruturação e posterior análise, o questionário foi dividido em quatro partes conforme indicado abaixo:

- Dados dos usuários
- Questões exploratórias sobre a casa destes usuários
- Questões exploratórias sobre as atividades desempenhadas nos ambientes domésticos
- Questões exploratórias sobre os ambientes enfocados nesta pesquisa

Para o levantamento dos dados pessoais (e das residências) dos participantes pergunta-se sobre questões referentes ao sexo, idade, formação profissional, renda total dos ocupantes da residência, número de residentes, tempo médio de ausência da residência, se trabalha em casa, a fim de compreender tanto o perfil da amostra quanto as transformações descritas anteriormente.

As questões exploratórias sobre as casas dos usuários pretendiam levantar dados quanto ao tipo de moradia; se a residência é própria, alugada ou cedida, se é uma casa ou um apartamento; a quantidade de cômodos da habitação, se o participante dividia quarto com alguém, e quantos e quais equipamentos eletroeletrônicos possuíam no domicílio.

As questões exploratórias sobre as atividades desempenhadas nos ambientes domésticos abordam os participantes sobre em quais ambientes - sala de estar, sala de jantar, quarto, cozinha ou outro – realizam atividades como, por exemplo, ler/estudar/trabalhar, comer, dormir, receber amigos, se exercitar - além de permitir que o participante descreva alguma outra atividade não descrita nas questões estruturadas - a fim de compreender como e quais ambientes têm sido utilizados.

As questões exploratórias sobre os ambientes enfocados nesta pesquisa procuram saber, o que cada ambiente deveria ter e o que poderia ser melhorado, a fim de identificar que itens são relevantes para estes usuários na configuração dos ambientes residenciais.

Estabelecido o roteiro piloto, aplicaram-se os pré-testes que envolveram oito voluntários para responder ao questionário, e assim definir sua versão final. Os oito voluntários participantes da etapa de testes sugeriram algumas alterações que foram incorporadas à versão final do questionário:

- Algumas questões estavam muito sugestionáveis, foram reformuladas para tornarem-se impessoais.
- Após as sugestões, as últimas questões do questionário, que abordam a configuração dos ambientes deixaram de ser com respostas por índice de satisfação, para questões abertas, com respostas discursivas.

Os dados coletados na fase de testes foram desprezados, pois os voluntários participantes não os responderam na íntegra, e questões foram extraídas e outras inseridas, mudando assim a configuração das respostas.

### **3.2.3 Plano de amostragem e procedimento de coleta de dados**

Por se tratar de uma pesquisa exploratória, inicialmente não foi estabelecido um número exato para a amostragem, pois esta seria qualitativa e de caráter não probabilístico. Diante da proposta deste estudo, seria muito importante ter um retorno significativo dos questionários para que o estudo fosse representativo. Dentro dessa perspectiva, foi muito considerado o fato de outros pesquisadores atestarem a enorme dificuldade de acessar e conseguir a cooperação da população, como um todo, para participar de pesquisas e responder a enquetes. Por essa razão optou-se pelo questionário *on-line* desenvolvido pela pesquisadora. Nesse âmbito, procurou-se estruturá-lo sem indução de respostas.

Cabe destacar que as respostas obtidas não foram associadas a nenhum participante. Com esse propósito, a partir da ordem de respostas do questionário, as pessoas participantes foram identificadas apenas pela ordem de envio *on-line* das respostas.

O questionário foi posto *on-line* e o *link* de acesso foi <https://docs.google.com/spreadsheet/viewform>, divulgado através de redes sociais, ficando ativo para respostas por 72 horas ininterruptas entre os dias cinco e oito de novembro de 2011, sem nenhuma falha no sistema, ou observações posteriores dos participantes. No *cômputo* total foram recebidos 265 questionários, sete como pré-testes apenas para definir as versões finais das questões e 258 correspondentes à totalidade da amostragem considerada e tabulada. Todos foram individualmente respondidos, e de maneira geral, os participantes foram muito cooperativos com a pesquisa.

### **3.2.5 Processamento dos dados obtidos**

Após o questionário ser desativado pela pesquisadora, as respostas foram tabuladas pelo próprio sistema de questionários *on-line* disponibilizado pelo *Google*, utilizado para a realização da pesquisa. Nesta etapa a pesquisadora imprimiu a planilha completa, fornecida pelo sistema.

Com todos os dados levantados, foram processados, tabulados e tratados graficamente, pelo próprio sistema. As respostas obtidas com todos os participantes foram analisadas e serão mostradas, em linhas gerais, no próximo item deste capítulo.

### 3.3 Análise dos dados

Este item tem por objetivo analisar os principais resultados obtidos através dos questionários respondidos *on-line* pelos participantes desta pesquisa. Este questionário (Apêndice 1) atende aos procedimentos metodológicos e aos objetivos da presente pesquisa. Dessa maneira, descrever-se-ão, Além dos dados pessoais, as questões exploratórias sobre a residência dos participantes, as sobre as atividades desempenhadas nos ambientes domésticos, e sobre os ambientes enfocados no trabalho (apêndice 1). No último subitem, referente as questões exploratórias sobre os ambientes pesquisados, as declarações dos participantes encontram-se em itálico e entre aspas.

#### 3.3.1 Dados dos Usuários

A amostra desta pesquisa consistiu-se de 159 participantes do gênero feminino e 99 do gênero masculino, compondo um total de 258 participantes. A média de idade dos participantes ficou em 24,5 anos. A mais avançada foi de 80 anos e a menor de 15 anos. Quanto à formação escolar dos participantes, apurou-se que 141 participantes têm nível superior incompleto (55%). Dos avaliados, 91 (35%) têm nível superior completo, conforme apresentação no gráfico a seguir:

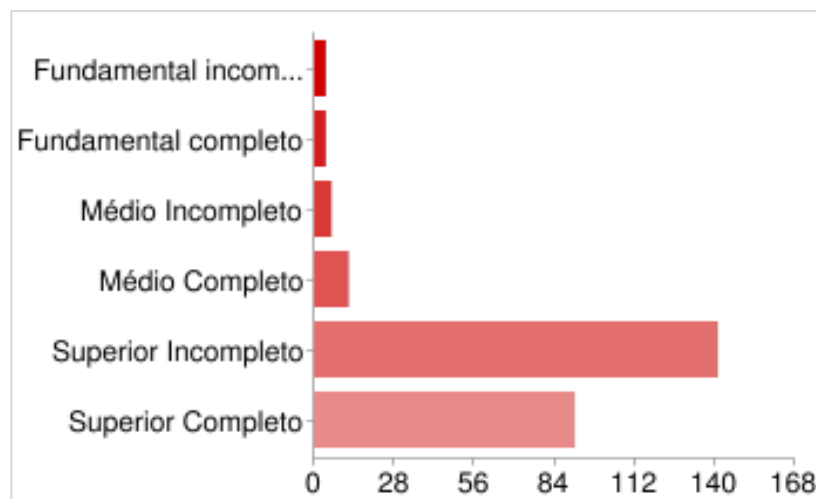


Gráfico 3.1: Nível de Formação dos participantes da pesquisa.

Além da formação escolar dos participantes, foi-lhes questionado sobre a sua ocupação e se executa algum trabalho em casa. 74 participantes (29%) responderam que executam algum trabalho em casa. A atividade que predominou dentre os que trabalham em casa foi a de *freelancer*, ou alguma atividade relacionada à sua área de atuação, como uma professora que corrige e elabora provas em sua casa. Em apenas dois casos o participante trabalha em casa em um negócio próprio, no primeiro caso a usuária prepara doces e bolos por encomenda, e no segundo caso, também uma mulher, disse administrar o negócio da família, sem especificar de que se trata.

A fim de compreender quanto tempo por dia o usuário fica fora de casa, perguntou-se quanto tempo em média os participantes não estão no ambiente doméstico. As respostas obtidas estão representadas no gráfico 3.2, a seguir. Esta questão objetiva visava realizar tal compreensão a fim de justificar um dos novos hábitos sociais, relacionado à rotina do usuário, externo ao ambiente residencial.

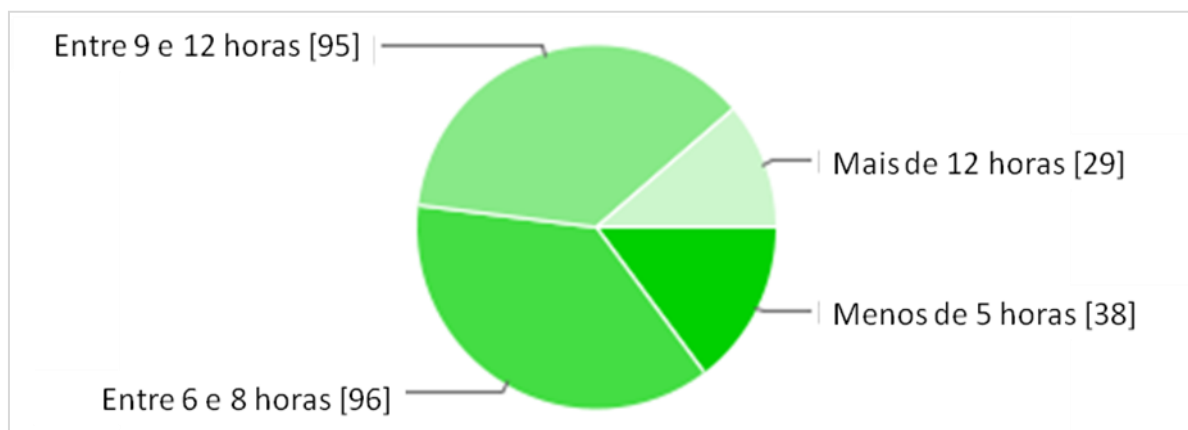


Gráfico 3.2: Tempo de ausência, do usuário, em relação ao ambiente doméstico.

Outra pergunta, relacionada ao usuário e sua residência, questiona quantas pessoas residem na mesma habitação. Verificou-se que variaram de oito pessoas por residência – com três casos –, até quatro pessoas por habitação – com 77 casos – e o segundo caso expressivo foi o que apresenta até três pessoas dividindo o mesmo espaço doméstico, com 70 casos. Apurou-se que 12 participantes moram sozinhos, e que em 36 casos o espaço é habitado por apenas duas pessoas.

Quanto à renda familiar, as respostas obtidas estão representadas na tabela 3.1, a seguir:



---

**A renda total na sua residência, em Salário Mínimo (R\$545,00 Reais), é de aproximadamente:**

	Percentual de respostas	
<b>Até 2 SM</b>	10	4%
<b>Entre 2 e 5 SM</b>	77	30%
<b>Entre 6 e 10 SM</b>	80	31%
<b>Entre 11 e 20 SM</b>	67	26%
<b>Acima de 20 SM</b>	24	9%

---

*Tabela 3.1: Renda total das residências, em salários mínimo.*

### **3.3.2 Questões exploratórias sobre a casa dos usuários**

Segundo os resultados da pesquisa, 182 participantes (71%) moram em residência própria, 70 (27%) em residência alugada e apenas 6 (2%) responderam que moram em habitação cedida. Esta informação destaca que um número acentuado, de pessoas jovens, mora em uma residência própria, mesmo que isso signifique morar com seus familiares.

Segundo as questões exploratórias sobre a residência dos participantes, 105 (41%) deles moram em casa, mesmo que o número maior seja mais frequente em apartamentos (59%) (o número de casas apresentado é relevante, quando se observa uma constante migração para os condomínios de edifícios nos grandes centros urbanos).

Ainda dentro desse contexto, foi perguntado quantos cômodos a habitação deles possuía. As respostas obtidas mostraram que 127 participantes (49%) possuem duas salas em suas residências. 95 deles (37%) possuem apenas uma sala e apenas 8 usuários (3%) responderam possuir quatro salas em suas habitações.

Quanto ao número de quartos, a maior frequência é de três por habitação e representam 110 respostas (43%), em seguida, citada 66 vezes (26%), aparece quatro quartos por residência, finalmente o menor número de ocorrências, com apenas oito respostas (3%), é de um quarto.

Os banheiros apresentam-se com números muito próximos, tendo 93 casos (36%) com dois banheiros na configuração da habitação, 71 (28%) com três banheiros por domicílio, 48

(19%) respostas referentes à apenas um banheiro por habitação. As respostas que se referem a habitações com mais de quatro banheiros somam 46 (18%) dos casos.

Quando questionados sobre o número de cozinhas por habitação, apenas 12 dos participantes (5%) responderam que possuem duas cozinhas. Os outros 245 participantes (95%) possuem apenas uma cozinha em sua residência.

Após as questões referentes ao número de cômodos na habitação, os participantes deveriam responder se dividem o seu quarto com alguém - familiar, cônjuge ou alguém sem laço de parentesco -, as respostas apresentam-se a seguir:

<b>Você divide o seu quarto com alguém?</b>		
	<b>Percentual de respostas</b>	
<b>Sim. Com irmão(s) ou familiares</b>	<b>47</b>	<b>18%</b>
<b>Sim. Com meu (minha) parceira (o)</b>	<b>27</b>	<b>10%</b>
<b>Sim. Com colega(s) de quarto</b>	<b>2</b>	<b>1%</b>
<b>Não</b>	<b>182</b>	<b>71%</b>

*Tabela 3.2: Dados da divisão de quartos.*

Por fim, foi perguntado quantos equipamentos – TV, DVD, equipamento de som, computador, micro-ondas, frigobar, aparelho de ginástica -, o participante tem em sua residência.

Quanto a essa questão, apurou-se que; 81 participantes (31%) possuem duas TV's em sua residência, 46 (18%) possuem quatro ou mais aparelhos televisores em sua habitação e apenas 6 (2%) não possuem uma TV em seu domicílio.

125 dos participantes (48%) possuem um aparelho de DVD em sua residência. Os outros 86 participantes (33%) possuem dois aparelhos e 29 deles (11%) não possuem um DVD.

Os aparelhos de som apresentaram-se na residência de 122 participantes (47%), com apenas um equipamento; 46 participantes (18%) responderam que não possuem aparelho de som. Os que possuem dois ou três aparelhos em sua residência somam 80 casos (31%), e nove deles (3%) responderam que em sua residência existem quatro ou mais aparelhos de som. Quanto aos computadores, todos os participantes responderam que possuem ao menos um

em sua residência; 75 participantes (29%) participantes possuem dois computadores em sua residência, 60 deles (23%) possuem três, e 53 dos entrevistados (21%) responderam que tem quatro ou mais computadores em seu domicílio.

Os micro-ondas se fazem presentes em 203 casos (79%), contra 52 casos (20%) casos que não possuem um equipamento destes.

O frigobar apresentou o maior numero de ausência, com 216 casos (84%), uma grande maioria, afirmando que não possuem um em sua residência. Apenas 38 participantes (15%) participantes responderam possuir um frigobar em sua habitação.

Por fim, os aparelhos de ginástica estão presentes, com apenas um equipamento, em 38 dos casos (15%). Os outros 209 participantes (81%) não possuem nenhum equipamento de ginástica em sua residência.

### 3.3.1 Questões exploratórias sobre as atividades desempenhadas nos ambientes domésticos.

Nesta etapa do questionário, os participantes deveriam responder a seis questões objetivas relacionadas as atividades que são praticadas nos ambientes domésticos, onde respondia-se em qual dos ambientes a atividade, descrita na pergunta, é realizada.

Os resultados encontrados quando perguntados onde costumam ler, estudar ou realizar trabalhos intelectuais estão representados no gráfico 3.3 a seguir:

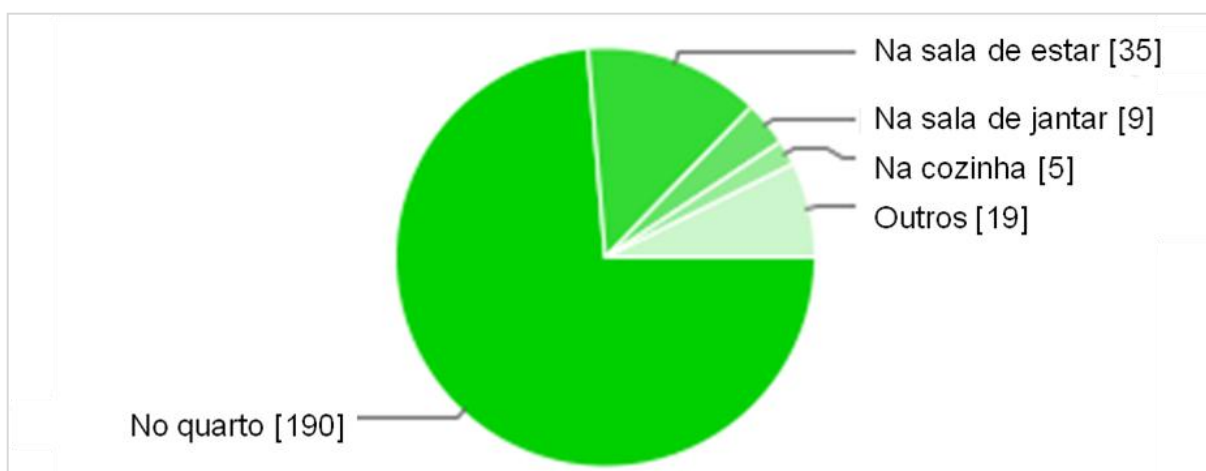


Gráfico 3.3: Ambiente em que realizam atividades como estudar, ler ou trabalhos intelectuais.

Dos participantes que marcaram a opção “outros” (7%), 15 deles responderam que estudam no escritório ou no *home office* que a sua residência possui. Os outros 4 se referem a casos isolados, como um participante que estuda no corredor onde fica o computador que utiliza, ou como em outro caso, não estuda na sua própria residência.

A outra atividade abordada na questão seguinte foi a de onde o participante realiza as suas refeições longas ou rápidas, e o gráfico 3.4 apresenta os dados obtidos:

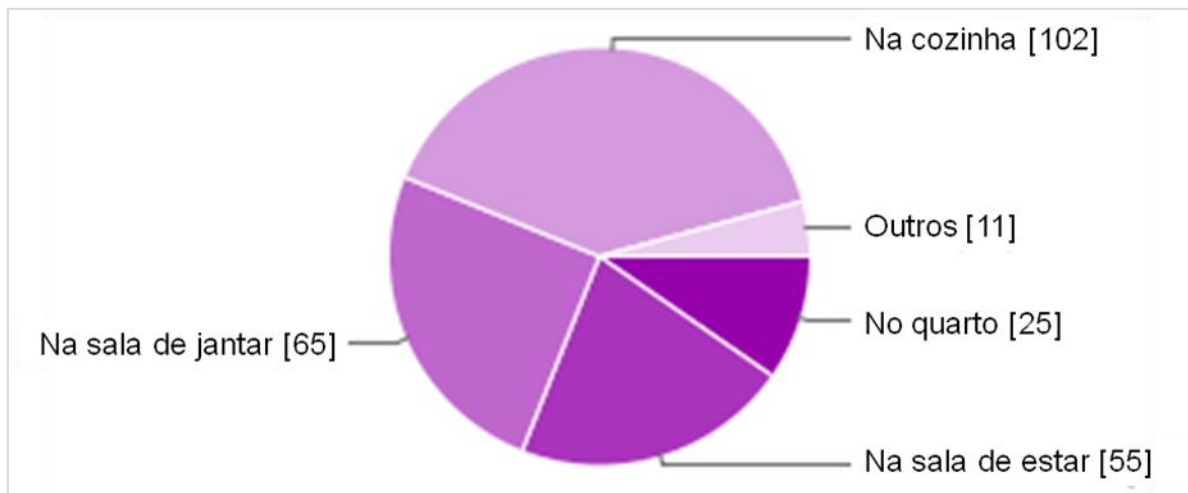


Gráfico 3.4: Ambiente em que realizam as suas refeições longas ou rápidas.

Dos 11 participantes (4%) que marcaram a opção de “outros”, três responderam não se alimentar em casa, apenas no trabalho ou na faculdade. Cinco deles responderam que realizam suas refeições no quarto da TV, ou onde possa assistir TV, compreende-se então que estes não entendem a “sala de estar” como a sala da TV.

A próxima pergunta está relacionada à atividade de entretenimento e lazer, onde perguntou-se onde o participante costuma assistir TV, filmes, ouvir músicas ou jogar com amigos, os dados apurados estão representados no gráfico 3.5, a seguir:

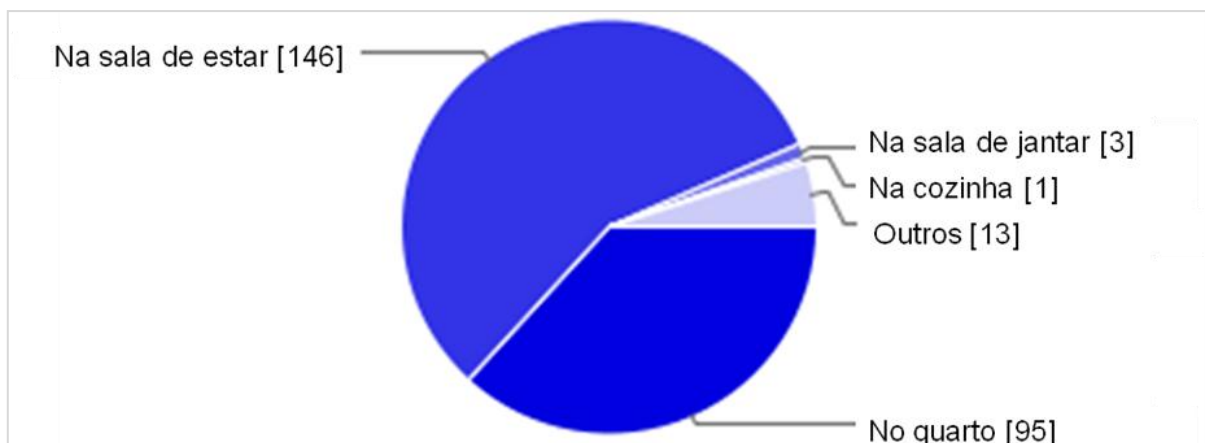


Gráfico 3.5: Ambiente em que realizam as suas atividades de entretenimento.

Dos 13 participantes (5%) que marcaram a opção “outros”, sete responderam que realizam tais atividades no escritório, na sala de TV ou na área externa da residência. Dois deles responderam possuir uma sala de jogos, ou espaço destinado para tal atividade. Os demais responderam não existir um ambiente predominante para tais atividades.

Quando perguntados onde costumam receber suas visitas, seja de familiares ou de amigos, os participantes responderam da seguinte forma, representada no gráfico 3.6:

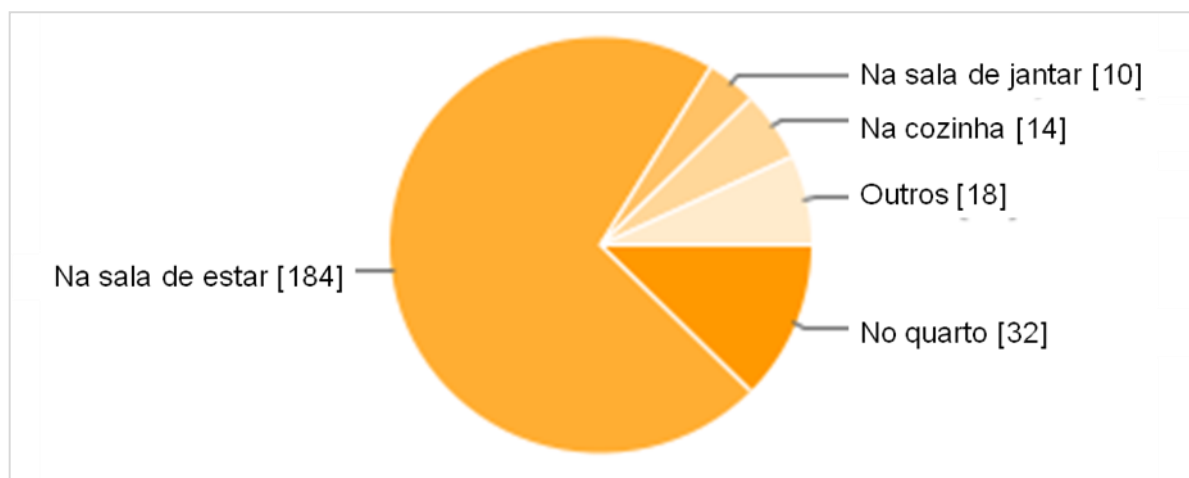


Gráfico 3.6: Ambiente em que recebe seus amigos e familiares..

18 participantes (7%), responderam que recebem suas visitas em outros cômodos, 13 deles citaram a varanda ou terraço como o ambiente em que costuma receber seus amigos e familiares. Os outros cinco entrevistados responderam não haver uma predominância de ambiente, costuma receber em mais de um, citando principalmente a sala e a cozinha.

Outra questão objetivava saber se o participante pratica alguma atividade física, e onde o faz. Os dados encontrados estão representados na tabela 3.3 a seguir:

<b>Você costuma fazer algum exercício ou atividade física, em sua residência?</b>		
<b>Onde?</b>		
	<b>Percentual de respostas</b>	
<b>Não</b>	<b>213</b>	<b>83%</b>
<b>Sim. No quarto</b>	<b>24</b>	<b>9%</b>
<b>Sim. Na sala de estar</b>	<b>8</b>	<b>3%</b>
<b>Sim. Na sala de jantar</b>	<b>0</b>	<b>0%</b>
<b>Sim. Na cozinha</b>	<b>0</b>	<b>0%</b>

<b>Outros</b>	<b>13</b>	<b>5%</b>
---------------	-----------	-----------

*Tabela 3.3: Resultado relacionado á pratica de atividade física no ambiente doméstico.*

Dos que responderam a opção “outros”, todos (5%) descreveram o quintal, varanda ou sala de ginástica como o ambiente em que realiza tais atividades.

Quando perguntados se realizam alguma atividade além das mencionadas no questionário, 170 participantes (66%) responderam que não, contra 88 deles (34%) que responderam sim, e em seguida descreveram estas atividades. 40 participantes responderam que realizam trabalhos artesanais em casa, a atividade mais descrita foi desenhar, seguida de pintura, além de trabalhos manuais não descritos detalhadamente. Das atividades descritas 35 delas correspondem à alguma atividade relacionada à musica, como tocar algum instrumento (violão, guitarra e trompete) ou ensaiar com banda. E por fim 13 participantes costuram em sua residência. Os ambientes mais utilizados para a realização destas atividades descritas são o quarto com 60 casos, e a sala de estar com 13 casos. Os demais descreveram um ambiente destinado para a atividade que exerce.

### **3.3.2 Questões exploratórias sobre os ambientes enfocados nesta pesquisa**

A etapa das questões exploratórias sobre os ambientes enfocados nesta pesquisa ficou composta por quatro perguntas abertas, que são definidas por Marconi e Lakatos (2004) como livres ou não limitadas, são as que permitem ao informante responder livremente, usando linguagem própria, e emitir opiniões.

Todas as questões foram estruturadas de maneira similar, onde procuravam saber o que cada ambiente deveria ter e o que poderia ser melhorado. No registro das respostas, para uma melhor interpretação, elas foram categorizadas dentro dos três eixos a seguir descritos: funcional, estético e simbólico; sendo o eixo funcional relacionado às questões práticas do ambiente, como espaço, uso de mobiliário, acústica, iluminação e temperatura; o eixo estético caracterizar-se-á pelos dados referentes aos aspectos decorativos do ambiente, como cores, texturas, iluminação e objetos de composição; e por fim o eixo simbólico que representará as questões relacionadas as sensações descritas pelos usuários, como conforto,

aconchego, privacidade e segurança. É válido ressaltar que estas questões não eram obrigatórias, assim, não houve 258 respostas.

Perguntados sobre o que não pode faltar na sala de estar e o que mudariam nas próprias residências, as respostas que mais predominaram foram as ilustradas a seguir – na sequência de frequência dos eixos mencionados:

- “[...], eu melhoraria a acústica (talvez um sistema de som integrado) e a iluminação da sala, pois a luz do sol costuma refletir no aparelho de televisão.” (Funcional)
- “Não pode faltar uma TV grande, um tapete, muitas almofadas, sofá confortável e um apoio para bebidas e comidas.[...]” (Funcional)
- “Um sofá grande e confortável, que possibilite tanto receber os amigos como se deitar pra ficar assistindo filme ou namorando. [...]” (Funcional)
- “Se pudesse teria uma sala de estar mais ampla.” (Funcional)
- “Não pode faltar sofá e uma boa decoração. Eu melhoraria a decoração[...]
- (Estético)
- “Quadros, sofá confortável, plantas e iluminação aconchegante.” (Estético)
- “[...] mudaria os móveis todos, colocaria tudo claro, e colocaria uma cortinha e um tapete.” (Estético)
- “Sofá confortável, peças de decoração como vasos e quadros e uma televisão. Melhoraria as peças de decoração.” (Estético)
- “[...]Melhoraria a privacidade.” (Simbólico)
- “Não pode faltar conforto e aconchego, mas sem deixar de ser funcional.[...]” (Simbólico)
- “[...]Pra mim, a sala tem que ser confortável e aconchegante, senão não serve como sala de "estar".” (Simbólico)
- “Não pode faltar comodidade (vista agradável, sem muitos ruídos externos, claridade, ventilado), [...]” (Simbólico)

As respostas retratadas neste contexto, expressam as que mais se repetiram pelos participantes da pesquisa.

Já sobre a sala de jantar, as respostas mais comuns citavam a mesa como artefato indispensável deste ambiente, além de alguns comentários sobre iluminação e acessórios

que facilitem o desempenho das atividades relacionadas ao cômodo. A seguir algumas das respostas mais frequentes dos participantes:

- *“Aumentaria o tamanho da minha sala de jantar [...]” (Funcional)*
- *“Uma mesa e cadeiras, obviamente. Além de um armário próximo onde guardar pratos, copos e talheres, deixando-os fáceis.”(Funcional)*
- *“Uma mesa espaçosa e confortável com um conjunto de cadeiras de igual qualidade, além de um aparador, para ter mais espaço na mesa durante as refeições [...]” (Funcional)*
- *“Uma bela mesa.” (Estético)*
- *“[...] armário para cristais e afins com decoração em cima, com porta retratos por exemplo. Uma boa iluminação com um lustre, de preferência.” (Estético)*
- *“Uma iluminação melhor, tipo lustre no teto, e alguma quadro de arte na parede.”(Estético)*
- *“Melhoraria o conforto das cadeiras [...]” (Simbólico)*
- *“[...] uma mesa mais com cara de família (a daqui é horrorosa).” (Simbólico)*
- *“A sala de jantar precisa de uma iluminação boa e acolhedora [...]” (Simbólico)*

Quanto a cozinha, as respostas mais citadas estão relacionadas ao tamanho do ambiente e aos eletrodomésticos presentes neste, seguem-se os dados mais frequentes:

- *“Além da aparelhagem necessária da cozinha, uma mesa de apoio que ajude quando eu estiver cozinhando, também gosto de usar essa mesa para fazer lanches rápidos” (Funcional)*
- *“[...] melhoraria a minha cozinha com uma lavadora de pratos e com um armário maior.” (Funcional)*
- *“Numa cozinha ideal, não pode faltar espaço e ventilação.[...]” (Funcional)*
- *“Colorido, mesa com cadeiras, espaço.[...]” (Estético)*
- *“Armários que sejam bonitos e funcionais para guardar panelas, faqueiros, etc.[...]” (Estético)*
- *“[...], mudaria as cores das paredes e uniria sala e cozinha.” (Estético)*

Neste ambiente não ocorreram respostas que possuíssem um apelo totalmente simbólico, assim, foram mencionadas as respostas mais frequentes relacionadas aos demais eixos.



E por fim, quando questionados sobre o quarto, um fenômeno interessante ocorreu: muitos participantes responderam que o que não pode faltar em um quarto ideal é um banheiro, ou seja, uma maioria acredita que uma suíte é um formato adequado de quarto. Outras observações foram apuradas, como ilustradas a seguir:

- *“Painel de avisos e recados, ar-condicionado, camas que possam se tornar sofás ou objetos para uso diurno, um espelho de corpo inteiro, bancada de estudos, aparelho de som e armários espaçosos.” (Funcional)*
- *“Cama confortável, ambiente bem ventilado e iluminação mais suave para favorecer o sono tranquilo.” (Funcional)*
- *“Tomadas!” (Funcional)*
- *“O quarto tem que ter a possibilidade de ficar escuro nos momentos que quisermos, então uma boa cortina com black-out é sempre bom.” (Funcional)*
- *“[...], uma decoração bem legal, com a cara do dono do quarto.” (Simbólico | Estético)*
- *“[...], uma cor agradável nas paredes.” (Estético)*
- *“[...] objetos que mostrem quem vive ali [...]” (Simbólico)*
- *“Sensação aconchegante [...]” (Simbólico)*

Não foram observadas ocorrências distintas das mencionadas em destaque, relacionadas a esta questão.

## Capítulo IV – Discussão dos Resultados e Recomendações Projetuais

---

Este capítulo tem como objetivo a discussão dos resultados da pesquisa realizada com os participantes e a geração de recomendações projetuais, a partir das atividades desempenhadas no ambiente doméstico. Para tal, o capítulo foi estruturado em dois itens que tratam das principais características dessa pesquisa. Com este propósito, a parte referente às Considerações teóricas que foi definida nos primeiros capítulos deste trabalho será de grande valia como fundamentação para os argumentos e discussões. Baseando-se nos principais resultados encontrados, procurar-se-ão mostrar nos itens e subitem que se seguem, as principais características, comentários, e descrição de alguns fatores que podem estar por trás dos resultados encontrados e sugerir recomendações para a metodologia projetual na área do conhecimento abordada.

A síntese dos resultados será importante para identificar os dados predominantes na realização das atividades domésticas, ajudar a compreender a visão dos usuários comuns sobre as necessidades reais no espaço habitacional, além de ajudar a contribuir com a metodologia projetual do design de interiores ou áreas afins.

### 4.1. Principais resultados dos questionários

As respostas dos participantes revelaram lições interessantes dessa relação, entre o usuário e o ambiente que este ocupa a fim de realizar suas atividades vitais e sociais. Outrossim, estes apontaram aspectos que devem ser destacados e que, certamente, precisam ser observados pelos agentes que dimensionam, organizam e projetam no contexto dos ambientes residenciais.

É importante citar que a análise dos dados transcorreu sem grandes dificuldades, pois as respostas obtidas no questionário seguiram a ordem natural das questões. No entanto, as ressalvas de alguns participantes, de que os ambientes em que vivem não precisam de nenhuma intervenção ou melhoria; ou a ausência de respostas nas questões exploratórias sobre os ambientes enfocados nesta pesquisa, desviaram o foco de alguns objetivos específicos. Contudo, cumpre explicar que não faz parte do atual escopo da pesquisa avaliar

a satisfação dos usuários em relação aos ambientes residenciais, assunto que inclusive merece futuros estudos. Cabe mencionar ainda, que as questões exploratórias sobre os ambientes enfocados nesta pesquisa não apresentam um registro estatístico por não possuírem obrigatoriedade quando respondidas e por serem de caráter complementar à pesquisa.

Inicialmente, um ponto interessante é que a tendência de se trabalhar em casa, mesmo que de forma adicional a um trabalho externo, está intimamente relacionada ao surgimento de profissões que permitem a escolha do lugar e horário independentes, sem prejuízo de desempenho e a própria condição das grandes cidades (como descrito no subitem 2.2.1, p. 29). O fato se comprova quando observado que dos 74 participantes (29%) que responderam que executam trabalhos em sua própria residência, 41 descreveram esta atividade como *freelance* ou *design*. Mesmo que diante da amostra da pesquisa, o número de participantes que responderam trabalhar em casa, não seja expressivo, este dado constata que esta realidade está presente, e em expansão, e por isso, não deve ser desprezado por quem planeja os ambientes domésticos.

Quanto ao tempo que os participantes descreveram não estar no ambiente doméstico; 191 deles (74%) passam no mínimo seis horas fora de casa, sendo que 95 destes (37%) chegam a passar até doze horas ausentes de suas residências. Tal fato confirma o pressuposto de que dentro do tempo que se passa dentro do ambiente doméstico, o usuário busca conforto e total integração, principalmente, com as atividades relacionadas ao lazer, entretenimento e repouso. Assim, evidencia-se que independente da ocupação ou faixa etária, este número é significativo, e deve ser ressaltado diante dos projetos de interiores.

Foi interessante observar o número, representativo diante da amostra desta pesquisa, de que 182 participantes (71%) residem em habitações próprias, evidenciando que nota-se a um perfil econômico de jovens independentes, mesmo que habitando ainda com pais ou familiares. Outro dado a ser considerado é o referente à quantidade de participantes que residem em casas, 105 (41%), mesmo que inferior ao de pessoas que moram em apartamentos, 153 (59%), esta informação destaca que ainda é relevante o consumo de casas, mesmo diante do *boom* imobiliário de apartamentos (detalhado no capítulo 1, p. 5, e no subitem, do capítulo 2, 2.3.1, p. 34).

As questões exploratórias sobre a residência dos usuários ainda revelaram que a maioria dos participantes (71%) não divide o quarto com outra pessoa, ou seja, mais uma característica, descrita como tendência das transformações sociais, se evidencia, o individualismo (subitem 2.2.2, p. 31). Mais uma vez destacando as características individuais, os projetistas, devem atentar-se, sempre, para esta tendência de personificação do espaço.

Com base nos resultados apurados, o consumo de aparelhos eletroeletrônicos se mantém ostensivo nas habitações; nas cozinhas é relevante a presença do micro-ondas, estando presente em 79% dos casos. Ainda neste âmbito, destaca-se um protagonista, o computador. Todos os participantes da pesquisa possuem ao menos um computador em sua habitação, apresentando ainda um dado elevado, o qual, 53 entrevistados (21%) possuem no mínimo quatro computadores em sua residência, estes dados apresentam uma relação com o tempo de permanência no contexto habitacional, com a existência do *home office* e com o processo de acúmulo de eletrodomésticos (subitem 2.2.3, p. 32). O computador, ainda destaca-se nas questões exploratórias sobre os ambientes enfocados nesta pesquisa, quando é mencionado, principalmente, como um item que não pode faltar na composição de um quarto, onde os participantes – que já possuem ao menos um computador em sua residência – insistem na importância deste aparelho e no quanto a presença deste significa, não apenas como instrumento de trabalho, mas de entretenimento, lazer e principalmente como ferramenta de comunicação.

É fundamental ressaltar que os dados que mais se destacaram com a apuração desta pesquisa se referem ao principal cômodo do setor íntimo (subitem 1.1.2, p. 8), o quarto. Este ambiente distinguiu-se em diversas questões por motivos variados. Mencionou-se, anteriormente, a tendência ao individualismo e a personificação, esta foi ressaltada nas questões exploratórias sobre os ambientes enfocados, quando os participantes definiram o quarto como o ambiente mais íntimo, com mais privacidade e que precisa atender ao maior número de necessidades possíveis. Em frequentes descrições o quarto precisa estar repleto de objetos, acessórios, funções, além de ter que atender aos aspectos simbólicos, os quais, cores, imagens que remetam ao seu usuário, quadros de avisos para múltiplas finalidades, entre outros. O quarto apareceu também nas questões exploratórias sobre as atividades desempenhadas nos ambientes domésticos, quando 74% dos participantes responderam que é neste cômodo que realizam os seus trabalhos intelectuais. Quanto às atividades de

entretenimento e lazer, este ambiente só perdeu para a sala de estar, mas apresentou-se em 37% dos casos. Outro caso semelhante foi na questão relacionada à receber visitas, onde 12% dos participantes responderam que o faz no seu quarto, ficando atrás, mais uma vez da sala de estar, que neste contexto, entende-se como o espaço apropriado para tal atividade. Dos participantes que responderam que praticam alguma atividade física em sua residência (17%), 9% o fazem no quarto. Além dos que mencionaram que realizam atividades manuais, trabalhos artesanais, e músicos que também utilizam o quarto para o desempenho de tais atividades.

## **4.2 Recomendações Projetuais**

Diante dos dados apurados, ressalta-se, mais uma vez, que perante o design de interiores – e projetistas da área – as individualidades precisam ser observadas. Não seria pretensão destacar que o designer atua a fim de primar pela qualidade de vida dos usuários, de trabalhar na interface, no contexto, nos artefatos que compõem os espaços. Sendo assim, reconhece-se através desta pesquisa o perfil de um grupo de jovens, atuantes econômica e socialmente, com características comuns, porém trabalha individualmente que quando questionados acerca do seu espaço, quer mais, quer ajustes, melhorias, avanços tecnológicos, espaço.

Não se pode ignorar que, mesmo com a tendência de individualização, os usuários valorizam o social; a sala de estar, precisa estar sempre preparada para receber; o quarto igualmente, precisando atender ainda, às atividades mais distintas possíveis, desde malhar a estudar, comer, e por vezes dormir.

As recomendações que, de fato, se extraem desta pesquisa, estão muito relacionadas com a observação das características que são comuns a uma maioria, como a necessidade de comunicação constante através de computadores e TV's de ambientes que se adéquem com projetos de iluminação, de artefatos práticos, que poupem o tempo de quem os usa. As pessoas passam pouco tempo em casa, e com isso tendem a isolar-se em seus quartos, se cercando de objetos que o identifique e que lhe sejam úteis.

Observa-se que a tendência parece ser a de uma individualização coletiva. Uma vontade, uma característica de um grupo onde o indivíduo quer destaque, desejando as mesmas coisas que o coletivo deseja.

## Conclusão

---

Durante a execução deste trabalho, até que os objetivos se definissem e os eixos se ajustassem, muitos diálogos, e-mails, contatos e textos, foram trocados. As principais dificuldades encontradas – mesmo que pareça incomum – estavam nos primórdios, nas definições do que se pretendia abordar. Questionamentos referentes ao formato do trabalho, como se ele teria caráter projetual ou dissertativo, quais metodologias seriam adotadas, foram frequentes até que fossem esclarecidas.

Optou-se por um projeto de pesquisa exploratória, baseada numa metodologia acessível e de compreensão simplificada. Para a construção do referencial deste trabalho, existiu certa dificuldade durante a captação de um volume significativo de trabalhos e autores que pudessem dar suporte à pesquisa, sendo a maioria dos trabalhos em formato de artigos, teses e dissertações, muitas em inglês, o que também dificultou o acesso a estas informações. Após a captação do material de referência, o trabalho pode desenvolver-se em um ritmo mais constante.

A fim de atender ao objetivo geral deste trabalho, realizou-se um levantamento sobre as principais atividades desenvolvidas nos ambientes residenciais – sala (estar e jantar), quarto e cozinha – através de um questionário, elaborado com base nas técnicas de pesquisa descritas por Marconi e Lakatos (2004). O resultado deste levantamento, apresentado no escopo deste trabalho, corroborou com o objetivo geral deste trabalho.

O desenvolvimento da primeira fase deste trabalho atuou como a etapa de identificação das novas tendências comportamentais e das transformações da sociedade. Através desta, reconheceu-se de que forma estas tendências e transformações se refletem nos espaços habitacionais.

E por fim identificaram-se algumas recomendações, por meio dos outros objetivos específicos, a fim de contribuir com a metodologia de projeto, principalmente, do design de interiores.

Para a autora este trabalho não caracterizou-se apenas como um projeto de graduação, mas como mais uma maneira de vivenciar design, de compreender através de outras perspectivas o morar, o viver em um espaço produzido por outros. Não há dúvidas de que os resultados apresentados neste trabalho ressaltam o significado e a importância do profissional que atua junto às necessidades dos usuários, junto à interface do espaço com os artefatos que o compõe. Para o design esta pesquisa traz informações, ainda pouco exploradas, que possibilitarão uma interpretação um pouco mais precisa a cerca dos hábitos domésticos.

Alguns trabalhos podem dar continuidade a essa pesquisa, sobre as atividades desempenhadas nos ambientes residenciais, como proveito da revisão bibliográfica e do banco de dados iniciado, além das considerações apresentadas, significando que o estudo desse componente do projeto, realizado de forma simplificada, merece ser ampliado e aprofundado.

Mais espaço! É o que todos reivindicam. Há espaço para se fornecer? Provalvemente não. Mas há móveis para serem pensados e repensados, ajustados, elaborados. Há espaços para serem trabalhados, com cores, texturas, espelhos...E existem indivíduos que precisam ser interpretados, compreendidos por designers, para a geração de design de qualidade.



## Referências

---

- ARAÚJO, Anete. **Espaço Privado Moderno e Relações Sociais de Gênero em Salvador: 1930-1949**. Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo). Salvador, Bahia, 2003.
- BERQUÓ, Elza. **A Família no século XXI: Um enfoque demográfico**. Revista Brasileira de Estudos de População, vol. 6, numero 2, 1989.
- BOYLE, Charles. **O mundo Doméstico**. Abril Livros, Rio de Janeiro, 1993.
- BRANDÃO, Douglas Q. **Diversidade e potencial de flexibilidade de arranjos espaciais de apartamentos: uma análise do produto imobiliário brasileiro**. 2002. Tese (Doutorado em Engenharia de Produção) – Programa de pós-graduação em Engenharia de Produção, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2002.
- \_\_\_\_\_. **Tipificação e aspectos morfológicos de arranjos espaciais de apartamentos no âmbito de análise do produto imobiliário brasileiro**. Artigo publicado na revista Ambiente Construído (p. 35-53), Porto Alegre, Rio Grande do Sul, 2003.
- \_\_\_\_\_. **Avaliação da qualidade de arranjos espaciais de apartamentos baseada em aspectos morfo-topológicos e variáveis geométricas que influenciam na racionalização construtiva**. Artigo publicado na revista Ambiente Construído (p. 53-67), Porto Alegre, Rio Grande do Sul, 2006.
- BRANDÃO, Douglas Q.; HEINECK, Luiz F. M. **Apartamentos em oferta no Brasil: Método de tipificação de plantas e análise de diversidade**. Artigo publicado no III Simpósio Brasileiro de Gestão e Economia da Construção, São Carlos, São Paulo, 2003.
- CAMARGO, Érica Nogueira de. **Desenho e uso do espaço habitável do apartamento metropolitano na virada do século 21: um olhar sobre o tipo “dois - dormitórios” na cidade de São Paulo**. Dissertação (Mestrado em Arquitetura) – Universidade de São Paulo – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, São Paulo, 2003.
- CAMPANHOLO, J. L. **Construção personalizada: uma realidade do mercado**. Técnica, n.41, p. 63-66, 1999.

COSTA FILHO, Lourival Lopes. **Discussão sobre a definição dimensional em apartamentos: contribuição à ergonomia do ambiente construído.** Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Pernambuco. Centro de Artes de Comunicação. Design. Recife, 2005.

COSTA, Ana Elísia da; CIDADE, Daniela Mendes; MORAES, Erinton Aver. **A casa unifamiliar em Caxias do Sul 1940-70: somos modernos?.** Artigo. Universidade de Caxias do Sul. Caxias do Sul. Acesso através do link:

<http://www.docomomo.org.br/seminario%206%20pdfs/Ana%20Elisia%20da%20Costa%20e%20Erinton%20Aver%20Moraes.pdf> No dia 13 de Outubro de 2011.

DEVIDES, Maria Tereza Carvalho. **Design, projeto e produto: O Desenvolvimento de móveis nas indústrias do pólo moveleiro de Arapongas, PR.** Dissertação (Mestrado) – Universidade Estadual Paulista – UNESP. Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação. Desenho Industrial. Bauru, 2006.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Síntese de Indicadores Sociais: Uma análise das condições de vida da população brasileira.** Publicação: Estudos e Pesquisas – Informação Demográfica e Socioeconômica, numero 21. Rio de Janeiro, 2007.

IIDA, Itiro. **Ergonomia: Projeto e produção.** São Paulo: Edgar Blucher, 1998.

MARCONI, Marina de A.; LAKATOS, Eva Maria. **Metodologia Científica.** São Paulo: Atlas, 2004.

PANERO, Julius; ZELNIK, Martin. **Dimensionamento humano para espaços interiores.** Barcelona: G. Gili, 2002.

TRAMONTANO, Marcelo. **Novos modos de vida, novos espaços de morar: Paris, São Paulo, Tokyo.** Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo). Universidade de São Paulo, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo- FAUUSP, 1998.

\_\_\_\_\_. **Tendências contemporâneas metropolitanas.** Artigo. Universidade de São Paulo, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo. São Carlos, SP. 2003.

TRAMONTANO, Marcelo; BENEVENTE, Varlete. **[Re]Programas: As e-pesquisas nomads sobre comportamentos & espaços de morar.** Artigo científico publicado na I Conferencia latino-americana de construção sustentável | X Encontro Nacional de tecnologia do ambiente construído, São Paulo, 2004.

VERÍSSIMO, Francisco S.; BITTAR, William S. M. **500 Anos da Casa no Brasil**. Rio de Janeiro: Ediouro, 1999.

## Apêndice 1

### 1. Questionário elaborado pela autora. Apresentação deste durante sua aplicação.



#### Sala, Quarto e Cozinha...

Olá,

Me chamo Juliana, e venho pedir alguns minutinhos do seu dia para responder a este questionário, que auxiliará na conclusão da minha monografia, em Design pela Universidade Federal de Pernambuco.

As perguntas são sobre os ambientes residenciais e as atividades que realizamos nestes. Qualquer dúvida eu estarei a disposição no e-mail [julianavrm@gmail.com](mailto:julianavrm@gmail.com).

Desde já fico muito grata com a sua contribuição!

\*Obrigatório

#### Sobre você...

Essas questões são apenas para que eu conheça um pouco do perfil das pessoas que responderão ao questionário, você não precisará se identificar.

**Sexo: \***

- Feminino  
 Masculino

**Idade: \***

**Em que região você mora? \***

- Norte  
 Nordeste  
 Centro Oeste  
 Sudeste  
 Sul  
 Não moro no Brasil

**Quanto a sua formação, você possui: \***

- Fundamental incompleto  
 Fundamental completo  
 Médio Incompleto  
 Médio Completo  
 Superior Incompleto  
 Superior Completo

Qual a sua profissão?

Você trabalha em casa?

- Sim  
 Não

Se Sim, em que?

Durante o dia, quanto tempo você passa, em média, fora de casa? \*

- Menos de 5 horas  
 Entre 6 e 8 horas  
 Entre 9 e 12 horas  
 Mais de 12 horas

Além de você, quantas pessoas moram na sua residência? \*

A renda total na sua residência, em Salário Mínimo (R\$545,00 Reais), é de aproximadamente: \*

- Até 2  
 Entre 2 e 5  
 Entre 6 e 10  
 Entre 11 e 20  
 Acima de 20

## Sobre a sua residência...

Questões referentes aos domínios da sua habitação.

A sua residência é: \*

- Alugada  
 Própria  
 Cedida

Casa ou apartamento? \*

- Casa  
 Apartamento

Qual o número de cada cômodo que sua residência possui? \*

	1	2	3	4	5 ou mais
Sala (Contam-se os ambientes da sala!)	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Quartos	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Banheiro	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Cozinha	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Área de serviços	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Outros	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

**Você divide o seu quarto com alguém? \***

- Sim. Com irmão(s) ou familiares  
 Sim. Com meu (minha) parceira (o)  
 Sim. Com colega(s) de quarto  
 Não

**Qual dos equipamentos listados há em sua casa? E quantos? \***

	Nenhum	1	2	3	4 ou mais
TV	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
DVD	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Equipamento de som	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Computador	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Microondas	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Frigobar	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Aparelhos e equipamentos para ginástica	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

**Sobre as suas atividades domésticas...****Onde você costuma ler, estudar ou desenvolver trabalhos intelectuais quando está em casa? \***

- No quarto  
 Na sala de estar  
 Na sala de jantar  
 Na cozinha  
 Outro:

**Onde você costuma fazer as refeições longas, rápidas ou lanches? \***

- No quarto  
 Na sala de estar  
 Na sala de jantar  
 Na cozinha  
 Outro:

**Onde você costuma assistir TV, filmes, ouvir música ou jogar com amigos? \***

- No quarto  
 Na sala de estar  
 Na sala de jantar  
 Na cozinha  
 Outro:

**Onde você costuma receber as visitas de amigos/familiares? \***

- No quarto  
 Na sala de estar  
 Na sala de jantar  
 Na cozinha  
 Outro:

**Você costuma fazer algum exercício ou atividade física, em sua residência? Onde? \***

- Não  
 Sim. No quarto  
 Sim. Na sala de estar  
 Sim. Na sala de jantar  
 Sim. Na cozinha  
 Outro:

Você realiza alguma outra atividade não descrita nestas questões? \*

- Sim  
 Não

Se sim, qual?

(Ex. Pintar, Tocar algum instrumento musical, trabalhos artesanais...)

Em que ambiente você as realiza?

- No quarto  
 Na sala de estar  
 Na sala de jantar  
 Na cozinha  
 Outro:

## Sobre os ambientes da habitação...

Questões referentes a cada cômodo da residência. Com a sua descrição! Não precisa falar muito tá gente, é mais um panorama geral!

Em sua opinião, o que não pode faltar em uma Sala de estar ideal? E o que você melhoraria na SUA sala de estar?

Em sua opinião, o que não pode faltar em uma Sala de jantar ideal? E o que você melhoraria na SUA sala de jantar?

Em sua opinião, o que não pode faltar em uma Cozinha ideal? E o que você melhoraria na SUA cozinha?

Em sua opinião, o que não pode faltar em um Quarto ideal? E o que você melhoraria no SEU quarto?

Tecnologia [Google Docs](#)

[Denunciar abuso](#) - [Termos de Serviço](#) - [Termos Adicionais](#)